



Universidade da Amazônia

O Rio de Janeiro 1877

de Artur Azevedo

NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

www.nead.unama.br

E-mail: nead@unama.br



Personagens Da Comédia

Opinião	Um Espectador		
Zé Povinho	O Boato		
Um Urbano	A Política		
Capoeira	Correio		
Cocheiro-veículo	O Anjo da Humanidade		
1º Diretor	Um Caixeiro		
Um Taberneiro	Major		
Tubo	Professor Público		
1º Da Cia de Consumo	Anúncio		
Dondon	Uma Senhora		
Um Padre	Um Médico		
Um Homem Gordo	Outro Magro		
Um Sócio	Um Burro		
Cartomante	Santinha		
Homem da Pêra	1º Amigo		
Criado de General	1º Poeta		
2º Poeta	1º Repórter		
2º Repórter	Orador		
1º Admirador	2º Admirador		
Garden	Vila Bela		
Um Popular	Dentista		
Cacabana	Globo		
Jornal do Comércio	Diário do Rio		
Gazeta	Diário Popular		
Reforma	Jornal da Tarde		O
Senhor Filipe	O Telefone		
Um Sujeito	Um Conservador		
O Canal do Mangue	1º Gatuno		Um
Moleque	Petizes 10		
Jornal do Comércio e todos os Jornais	Empregados	da	Alfândega
Mascarados	Velhos		
Rapazes	Crianças		
Comissão de Senhoras	Vendedores		
Povo	Embuçados		
Guarda Nacional	Teatro São Pedro		
Imperial Teatro Dom Pedro II	São Luis		
Cassino	Fênix		
Ginásio	Circo de Cavalinhos		
Varietés Arte	Toureiro		
Spetrini	}		
Blondini	}		
Tony	} Personagens mudos		
Bobé	}		
Nota de Duzentos Mil Réis	}		
[Um Urbano]	}		
[Dois esgrimadores, um deles padre	}]		

Prólogo

Gruta sombria

CENA I

Bedel (Espanejando algumas pedras soltas que se acham espalhadas pela cena.)

Copla

Vós, que tendes, meus senhores,
bem formadas, boas almas,
aos atores e autores
batei palmas, batei palmas.
De que nos dei uma vaia
livre-nos Deus e o canhoto,
mas pra que a peça não caia,
basta cair-vos no goto.

Hão de convir que é muito original esta idéia de encaixar o couplet final no princípio: mas, como tenho os meus pressentimentos de que o ano de 1877, que principia amanhã, há de andar tudo às avessas, assim faço. De mais, é mau costume pedir palmas no fim da peça; a gente as deve pedir no princípio, antes que o público saiba o que vai ver. O sujeito que vai empenhar-se com o examinador para que lhe aprove o filho plenamente na Instrução Pública, fá-lo sempre antes do exame. Que diabo. O pequeno pode sair-se mal e então o pedido não tinha pés nem cabeça. (Escarra, tosse, assoa-se.) O teatro representa uma gruta agreste em um país inteiramente desconhecido. Nesta gruta é que se costumam reunir, no dia 31 de dezembro, as calamidades brasileiras, a fim de darem conta dos seus trabalhos durante o ano, e predispoem-se para o vindouro. Cena I : Apareço em Bedel e digo: — Agora é que começa a revista. (Põe-se de novo a espanar, noutro tom.) Felizmente está terminado o meu serviço. Não tardam aí as calamidades brasileiras. Encontrarão tudo limpo. (Música.) Sinto passo, são elas.

CENA II

O Mesmo, **a Política, a Febre Amarela, Ilustríssima, a Seca, a Inundação, City Improvements, o Boato, a Capoeira, a Subscrição, o Beribéri, o Cortiço, a Conferência, o Veículo, o Engraxate, o Carcamano, o Poeta, a Morte** de braço dado com o Médico

Coro

Calamidades, ei-las por cá:
pestes, moléstias, tudo aqui há.
O fim do ano por cá nos traz.
Somos, senhores, só coisas más.

(A Política senta-se numa pedra mais elevada, ao fundo.)

Política (Ao **BEDEL**.) — Não falta ninguém?

Bedel — Não, ao que parece.

Política — Mas como não gosto de dúvidas, eu, a Política, a principal das calamidades brasileiras, que amo e dirijo todas as outras, ordeno procedas à chamada geral.

Bedel — É já. (Abrindo um livro que tira de trás duma pedra.) — Política?

Política — Presente.

Bedel — A Fome? (Depois de pausa.) Não veio! Está jantando talvez. — Febre Amarela?

A Febre — Presente. (Vem à boca da cena.)

Eu não tenho cor política,
pesar de ser amarela:
não escolho as minhas vítimas,
ataco a esta e àquela.

Bedel — A Junta da Higiene? (Silêncio.) Também não veio. Quer-me parecer que está ocupada com algum parecer. — A Ilustríssima?

Ilustríssima — Cá estou (Vem à boca de cena.)

Eu amo o povo, senhores,
e as comunidades suas,
mandando calçar as ruas
em que moram vereadores.

Bedel — A Seca?

A Seca — Pronto (Acompanhada de seus horrores.)

Quando aos homens faço guerra,
andam desgraças aos molhos,
secam-se as fontes da Terra,
abrem-se as fontes dos olhos.

Bedel — A Inundação?

Inundação — Presente. (O mesmo.)

São horrorosos meus feitos.
Ai! Que tragédias! Que dramas!
os rios saltam dos leitos
e os homens saltam das camas.

Bedel — A City Improvements?

City — Presente. (O mesmo. Todos tapam os narizes.)

Eu cá não sou de modéstias,
do que as primeiras sou mais.
Sou mãe de muitas moléstias
e filhas doutras que tais.

Bedel — O Boato?

Boato — Minio!... Quero dizer, presente! (Vem à boca de cena e canta em falsete.)

Vocês me conhecem? Qual!
Sou o boato, a mofina;
Tenho mil nomes: verrina,
apedido e etecetra e tal!

Bedel — O Capoeira?

Capoeira — Rente! (Ameaça cabeçada noutros personagens.)

Eu sou Capoeira
não m'assustam, não!
Passo uma rasteira,
tudo vai ao chão.
Puxo uma navalha,
sei desafiar.
Se isto trabalha (Puxa a navalha.)
é aí que pinto o sete.
Mato dezessete,
guardo o canivete
e vou descansar.

Bedel — A Subscrição?

Subscrição — Eis-me aqui.

Eu sou a Subscrição,
mas sem a caridade benfazeja,
a grande amolação
que tão somente almeja
a condecoração!

Bedel — A Conferência?

Conferência (Sibiliando os ss.)

A última expressão sou da oratória,
tenho feito o diabo a quatro,
já desertei da glória
e ando agora no teatro,
mas é pior e mais pândega
A Conferência da Alfândega.

Bedel — O Veículo?

Veículo — Não estou atrasado.

Bedel - Então chegue-se.

Veículo— Eu sou o bonde, a carroça,
a andorinha, a diligência
pra dar cabo da existência
dos desgraçados mortais.
Ora acreditais que eu não possa.
que eu não possa.
do que hei feito.
do que hei feito fazer mais.

Bedel — Beribéri?

Beribéri — Eis-me

Eu sou o Beribéri e, como Otelo,
nasci lá nos desertos africanos,
nasci para flagelo dos humanos,
e as mais moléstias meto num chinelo.

Naturalizei-me brasileiro e firmei a minha residência na terra de Gonçalves Dias. Gosto muito do Nordeste, e decididamente não saio de lá. Ainda não passei da Bahia. Não faço casa da corte.

Boato — Isto é, não fazes casos na Corte.

Bedel — O Cortiço? O Engraxate? O Carcamano? O Poeta, a Morte e o Médico?

A Morte — Eu sou a Morte, a maior calamidade.

Médico — Juro à fé do meu grau que sou doutor.

Ambos (Abraçando-se e beijando-se.) — Temo-nos muita amizade, juramos constante amor!

Bedel — Está pronta a chamada.

Política — Agora que todos estão presentes, podeis falar. (Todos falam ao mesmo tempo, Bedel agita a campainha.)

Boato — À ordem! À ordem! Isto não é república!

Política — Atenção! (Silêncio.) Digníssimas calamidades, é sempre com o mais vivo prazer que ergo neste recinto a minha não autorizada voz.

Boato (À parte.) — Não apoiado.

Política (Continuando.) — Neste momento solene em que ides prestar contas dos ossos trabalhos, espero de vosso zelo e nunca desmentida perversidade, que as referidas contas não sejam contas de grão-capitão, o que não é de esperar da vossa reconhecida atividade! A boa vontade que vos caracteriza dá azo a que eu faça de antemão o melhor conceito de vossas diligências. Está aberta a sessão...

Febre Amarela — Peço a palavra.

Política — Tem a palavra a Febre Amarela.

Boato (À parte.) — Logo vi que era a primeira a falar!... Esta senhora tem raízes no país, por isso lhe concedem a primazia.

Política (Abraçando a Febre.) — Fale, cara amiga.

Febre Amarela — Para bem poderes julgar os meus feitos deste ano, basta perceberes a verdadeira estima que me consagra este cavalheiro. (Indica a direita.) e todos os seus colegas. Pretendo continuar com a mesma atividade em 1877, se a tanto me ajudar a empresa Gari...

Ilustríssima — Se a nobre amiga que me precedeu na tribuna...

Boato — Tribuna é flor de... Retórica.

Ilustríssima — ... Conseguiu fazer alguma coisa de merecer a pena. Se foram devidos a esforços meus, e da nobre Junta da Higiene...

Boato — Junta que nunca está junta da Higiene...

Ilustríssima — Em todo o caso, em 1877 redobrarão as nossas vigilâncias em que pese ao famigerado Cai...

Política (Com o gesto.) — ... Pira... Para esquerda, basta!! Tem a palavra a Inundação.

Inundação — Venho de Portugal, tenho feito por lá alguma coisa pela vida, ou pela morte. Torno de novo à terra de Camões. Não está cumprida a minha missão naquele reino.

Subscrição — Vá, que eu fico cá para maior flagelo.

Boato — Não tem nada... É viagem que ferve... Ela é viagem na França, agora vai a Portugal... E está aqui na América. Chama-se a isto correr as sete partidas do mundo... És uma inundação de viagens.

Política — Tem a palavra...

Boato — Peço a dita.

Política — Tem a palavra.

Boato — É preciso que 1877 já nos encontre a postos, está prestes a soar a meia-noite. Portanto, peço que passemos à ordem da noite.

Política — Está bem! Ponhamo-nos de novo a caminho. Tu, Febre, não perca os teus créditos que possuis na Europa. Mata a torto e a direito, e sobretudo agarra-te aos trinta botões. Ilustríssima, continua a não mandar calçar as ruas e a contratar empreiteiros, a gente de trabalho que faça muito e ganhe pouco. Ó Inundação, faze o que puderes. Boato ataca-lhes as reputações e penetra no íntimo da família para levar-lhes o desespero e a vergonha.

Boato (Tirando dois lenços da algibeira, representando o Desespero e a Vergonha.) — Eles cá estão. O Desespero e a Vergonha.

Política — Ó Capoeira, faze as tuas eternas tropelias, não te amedronte o termo de bem viver, nem que te assentem praça na Armada! Tu, Conferência, amola o próximo! Veículo, continua tua sociedade com os médicos. (O Médico aperta a mão ao Veículo.) Ó Médico, ceifa... Ó Beribéri ceifa... Ó Morte ceifa... Cumpri todos o vosso dever. Ó Seca! A ti está reservado o mais importante papel entre as calamidades que hão de afligir a Nação Brasileira em 1877. Há bom número de anos que não pões em prática o teu valor. Vai agora e tira o ventre de miséria. Escolhe para sede de teu domínio uma província próspera e feliz.

Boato — Goiás, por exemplo.

Política — O Ceará! Ide, meus irmãos, trabalhai pela santa causa da desumanidade; quanto a mim hei de contribuir com o que estiver ao meu alcance para a desgraça pública e particular. Ide.

Todos — Vamos.

Coro

CENA III

Os mesmos, o **Anjo da Humanidade** acompanhado de Fé, Esperança e Caridade

Anjo — Ainda não.

Todos — O Anjo da Humanidade!

Boato — A estas horas! Quase se pode dizer: é o Bom Anjo da meia-noite.

Anjo (Harmonias.) — Ó Política, não te iludas,
O Anjo sou da Humanidade,
ao lado estou das três virtudes,
Fé, Esperança e Caridade.

Boato (À parte.) — Isto é um drama do São Luis.

Anjo — Querem lutar? Pois bem... Lutemos,
eu pelo bem, vós pelo mal.
Parti, partamos, e veremos
quem suplantar há de afinal.

Política — Derrubemos essas virtudes malditas.

Todos — Guerra... Guerra. (Ameaças de todos os personagens, exceto Boato, que fica de parte.)

Anjo — Para trás. (Subjugam-se os personagens. Forte na orquestra.)

[(Cai o pano)]

ATO PRIMEIRO

QUADRO II

CENA I

(Depois da sinfonia, Um **Espectador**, que está num camarote dirige-se ao público naturalmente.)

Espectador — Parece-me que, desta vez, temos coisa nova. Antes de vir para aqui, tinha dito a um dos meus amigos que creio deve estar aí na platéia: Palpita-me que vou ter uma imitação francesa parecida com a da Madame Angu ou uma tradução, como a da Mulher do Saltimbanco, mais ou menos apropriadas aos acontecimentos passados: mas julgo que me enganei. Errare humanum est. Ainda que me custe a engolir como genuinamente original, aquela esperteza de começar a peça pelo couplet final. Enfim, nihil sub sole novum. Uma das coisas que nunca falham numa revista francesa é o Monsieur du parterre, sujeito que finge ser do público, que fala como por acaso... Bem acredito eu nos tais casos... E que, no fim de contas, não passa de um ator com mais ou menos espírito. Felizmente nesta peça parece-me que estamos livres dele... Do ator se entende... Porque o espírito é de crer que o haja por atacado e a varejo, apesar da peça não ser do Varejão. Sem querer, falei demais... Não vão agora os senhores pensar que faço parte da peça! Deus me livre, que meu pai não me educou para cômico. Vamos ver o que sai por detrás daquele pano.

(Sobe o pano. Praça, gafanhotos, vaga-lumes, Gatunos, Moleques, Policiais)

CENA II

Gafanhotos e depois (Ilegível.)

Coro

CENA III

1º, 2º Gatuno e Zé Povinho

1º Gatuno (Deixando cair uma carta no chão.) — Lá vai a isca.

2º Gatuno (Agarra a carta na ocasião em que o 1º vai também para lhe pegar, ficando o 2º com ela.) — Largue, que é minha.

1º Gatuno — Não há tal! Esta carta caiu-me da algibeira.

Zé (Que tem visto.) — Caiu, que eu vi.

2º Gatuno — O senhor está combinado com ele!

Zé — Combinado vá ele. Veja se quer experimentar a peroba. (Ameaça-o.)

2º Gatuno — A carta é minha, e a prova é que tem dentro uma trancinha.

1º Gatuno — A carta caiu-me da algibeira, e não tem nada dentro.

2º Gatuno — Aposto em como tem uma trancinha.

Zé — Aposto também eu! Aqui está dinheiro!

1º Gatuno — Também eu aposto. Vamos, feito!

Zé — Quanto vale a aposta?

2º Gatuno — Duzentos bicos...

Zé — Case. Os meus aqui estão. Vão para a mão deste cavalheiro.

1º Gatuno — Abra a carta.

2º Gatuno (Abrindo a carta e mostrando uma trancinha.) — Ganhei.

1º Gatuno (Para Zé Povinho.) — Perdemos. (Os gatunos saem.)

CENA IV

Zé Povinho só; depois **Boato**, vestido de urbano; Nota de Duzentos Mil Réis que nada fala

Zé (Meio atordoado.) — Perdemos. É singular este plural. Devia ter dito ganhamos, e perdeu! Querem ver que fui embarrilado? Creio que sim. Pelo sim, pelo não, vou queixar-me à Polícia. (Entra o Boato.) Ó camarada. (Boato não responde.) Ó seu guita! (O mesmo.) Vai a dormir. (Chega-se e grita-lhe no ouvido. O urbano desperta, puxa da espada e põe-se a gritar.)

Boato (Com volubilidade.) — O que é isso? O que é que é? O que há? Quem foi o ladrão? Onde é o fogo? Onde está a carroça? Que número tinha o bonde? Quantas facadas deu ele?

Zé — Uma só... Mas foi taluda.

Boato — Onde?

Zé — Aqui. (Mostra o bolso.) Duzentos mil réis, Por sinal foi uma nota...

Boato — Uma nota de duzentos.

(Passa uma nota perseguida por um urbano.)

Zé — Olhe, exatamente como aquela!!

Boato — Como aquela?

Zé — Tal e qual.

(A nota faz negaças ao urbano até sair.)

Boato — Mas aquela é uma nota falsa! Você parece-me passador de moeda falsa. Venha à presença da autoridade. Está preso em flagrante de delito! Hum... Amanhã dirão os jornais: “graças ao zelo da Polícia, foi preso um dos passadores de notas falsas. A Autoridade segue o rasto de vasta conspiração”.

Zé — Qual conspiração nem qual carapuças. Conspirando está você contra o meu sistema nervoso. O que me parece é que você está a dormir!

Boato — Insultos! Oh! Que parte!

Zé — Você quer tomar o peso ao cacete.

Boato — Ameaças! Oh! Que parte!

Zé (Levantando a bengala.) — E se não se safar..

Boato (Apita.) — Vias de fato! Oh! Que parte!

CENA V

Os mesmos e **Política**

Política — Para.

Boato — Manda quem pode.

Política — O que foi isto?

Boato — Tomei este uniforme de urbano, e acabo de prender um passador de moeda falsa, visto que não podemos agarrar mais nenhum. Agarramos um, prendemo-lo, processamo-lo, levamo-lo ao júri, absolvemo-lo, apelamos, processamo-lo de novo,

levamo-lo de novo ao tribunal, condenamo-lo, mas damos-lhe tempo para deitar sebo nas canelas. (Baixo.) Mas...Esse... Coitado... Não passou: foi passado

Política — Nesse caso, retira-te...

Boato — Para onde?

Política — Vai vestir-te à paisana e assistir às sessões da Câmara.

Boato — Lá vou... Lá vou... (Vendo entrar o Capoeira.) E vou em boa companhia.

CENA VI

Os mesmos e **Capoeira**

Zé (Fugindo para o regulador.) — Ai mau! Ai mau!

Capoeira — Vamos à Câmara?

Boato — Eu vou para lá: vem comigo. (Enlaçam-se.) Trazes a navalha?

Capoeira — Trago. Vamos. É mais perto ir pela estrada do... (Indica à esquerda.)

Boato — ...Do que ir pela travessa. (Saem.)

CENA VII

Zé Povinho e Política

Zé (Rolando o chapéu nas mãos.) — Eu faltaria ao mais sagrado de todos os deveres se não lhe agradecesse...

Política — Nada tem que me agradecer. Somos conhecidos velhos.

Zé — Vossa Mercê já andou pela Província?

Política — Eu ando em toda a parte.

Zé — Mas nunca tive o gosto de a encontrar!

Política — Olá! Se tiveste! Sou a Política!

Zé — Qual!

Política — Duvidas?

Zé — Que esperança! Pois se sou uma vítima de tal víbora! Ainda nas últimas eleições, ela me fez gastar bons cobres! E afinal de contas o Sérgio pulou fora como um catita! Foi repellido à correia! Não o quiseram lá! Fora mais fácil meter um prado na Câmara, e não meteram, apesar de vir por obra e graça do Espírito Santo. Mas, apesar disso tudo, em se falando de eleições, sou outro homem; é defeito que me está na massa do sangue. Apesar da Política lá na terra ser velha e feia como o demônio. Você ao menos é toda chique, toda boa, pra não dizer mesmo toda coxa. A coisa por cá parece que rende.

Política — Qual! Vão-se acabando os privilégios. Já estão inventados todos os melhoramentos.

Zé — Já eu tenho ouvido falar nisso. Isto por cá vai de vento em popa. É Empresa de Esgotos, Carris de Copacabana.

Política — Isso anda meio entruviscado. Botânica que dividir a Copacabana; quer ficar com a copa e deixar a cabana aos outros.

Zé — Quem ocupa a copa esquipa sob a melhor capa! No copus hic labor est.

Política — Faço como Pilatos, que era homem asseado, e lavava as mãos mesmo quando estavam limpas...

Zé — As mãos da Política não podem estar muito limpas... Oh! Mas vossemecê traz luvas... E que as não trouxesse! Tinha água da Empresa do Anjo Gabriel... É

verdade que a tal água pode untar as suas mãozinhas, em vez de limpá-las... Mas posso saber quem é esse sujeito de quem me livrou?

Política — É um dos meus mais fiéis aliados: é o Boato.

Zé — O Boato?

Política — O “consta-nos”, o “diz-se”, o “ouvi dizer”, o “somos informados com toda a reserva”. Uma espécie de calúnia de Beaumarchais...

Zé — E você tem conhecimento com sujeito dessa ordem? Que ordem de sujeito! Está sujeito a ser chamado à ordem!

Política — Está bem: deixa-te de trocadilhos e anda daí a ver a cidade do meu afeto.

Zé — Aceito. Mas receio que minha mulher, Opinião, vendo-me com vossemecê, faça uma cena dos diabos.

Política — Acharei artes para livrarmos dela. É ciumenta?

Zé — Uma víbora!

Política — E como é que não está contigo?

Zé — Ficamos de nos encontrar em Botafogo; mas, para aproveitar alguns momentos livre dela, ensinei-lhe o bonde de Vila Isabel.

Política — Pois amanhã o meu fiel Boato te livrará dela.

Zé — Mas nada de intrigas.

Política — Sossega; não há ninguém como a Política para guardar as conveniências.

Zé — E se todo em todo me não pode livrar dela?

Política — Quem não pode, trapaceia...

Zé — Pois também a Política?

Política — Vem daí, ingênuo e primitivo caboclo. (Passam ao fundo dois personagens esgrimindo-se com penas de pato. Um deve ser padre.)

Zé — O que vão fazendo aqueles dois indivíduos?

Política - São dois amigos meus que estão tratando da Questão religiosa.

Zé — Pois ainda isso dura?

Política — E durará. (Vai ao fundo e aperta a mão dos esgrimadores.)

Zé — O que foi vossemecê lá fazer?

Política — Estavam um pouco cansados; fui lhes dar novas forças. Vamos! (Saem.)

CENA VIII

Opinião, só

Opinião — Ora, uma destas só a mim acontece! Ah! Que se o encontro dou-lhe uma sova de o deixar em lençóis de vinho. Larga-se um homem e mais a sua mulher lá dessas terras por onde Cristo nunca andou, para vir à corte opor-se ao concurso de abastecimento de carne verde à capital, sai-lhe pela proa um Berlinch e adeus minhas encomendas! Há de dar bons burros ao dízimo! A sua carne verde faz febre amarela! Ao menos há patriotismo nas cores! E o tratante do Zé Povinho mal aqui se apanha, foi uma vez! É capaz de andar rendendo preitos aberta... Mente às francesas, e à ida para casa com este sistema, há de ser bonita... Se o apanho...

CENA IX

A mesma, o **Boato**, à paisana

Opinião (Vai sair e encontra-se com Boato.) — Vai cego?

Boato — Irribus! Pisou-me o melhor calo!

Opinião — Para outra vez, veja por onde pisa.

Boato — O que quer? Venho atordoado com o que me contaram.

Opinião — O que foi?

Boato — Dizem que um pobre homem, não vi, mas ouvi dizer a pessoa de confiança, tendo-se perdido esta manhã da mulher...

Opinião — O que faz? Valha-me Deus! Mas o marido também se perdeu de mim!

Boato — Da senhora?

Opinião — De mim, sim; já lhe disse tintim por tintim.

Boato — Pare lá com o sino! Enfim! E como se chamava ele?

Opinião — Zé Povinho.

Boato — É o mesmo.

Opinião — Mas o que lhe aconteceu? Ah! Conte! Céus! Diga! Estou num desespero incrível!

Boato — Pois, minha boa e pobre senhora...

Opinião — Estou viúva?

Boato — Provisoriamente!

Opinião — Explique-se ou o agatanho!

Boato — Seu marido, consta fez as malas e sem amá-la... Pôs-se a panos mal a mala. (Sai.)

CENA X

Opinião e Espectador

Opinião — Mas isto é horrível! Abandonar-me no meio duma cidade desconhecida em risco de ser cantada... Em alguma “ocorrência da rua”. Em verdade, se fora segunda feira: e em prosa, se for a semana. Isto é ignóbil.

Espectador — É muito mais do que a senhora julga!

Opinião — É porque terá outra amante?

Espectador — Tem, e a pior de todas...

Opinião — Diga-me quem é, porque quero esganá-la!

Espectador — Não fazia nada demais, porque ela tem esmagado a muita gente.

Opinião — Quem é ela?

Espectador — A Política;

Opinião — Ai, que mulher sem-vergonha. Hei de desmascará-la.

Espectador — Olhe que veio a propósito atrás dele! O seu Zé Povinho estava sossegado, como a linda Inês!

Opinião — Então ele não partiu?

Espectador — Qual! A senhora foi vítima da seca... Ai, da seca. Oh! Perdão! Vítima do logro.

Opinião — É do que vive aquela sujeita, é de lograr todo o mundo!

Espectador — Se a senhora quer, eu acompanho, até encontrar o homem.

Opinião — Com todo o gosto

Dueto

Lá vou, lá vou, lá vou
sinhá.
pois sim, pois sim, pois sim,
venha cá.

(À parte.) — É bem simpático este moço! Parece-me com a Vale, do Teatro São Luiz. Vou enciumar o pérfido e assim que lhe deitar as unhas, deito-lhe as ditas e dentes, e ponho-lhe as malas à costas e marcho para Goiás, que é terra de progresso, onde há um cabriolé ganho com o suor do rosto. (O Espectador desce para o palco.)

Espectador — Pronto.

Opinião — Principiemos a exploração. (Derretida.) Não?

Espectador — Está dito então.

Opinião — Onde vamos?

Espectador — Ver a inauguração do plano inclinado para Santa Teresa!

Opinião — Plano inclinado? Nunca ouvi falar nisso, senão a respeito das nossas finanças.

Espectador — Essas estão em muito bom pé... Agora em boa mão é que não sei... Ouvi falar aí numa história de dez mil contos, que é um verdadeiro romance.

Opinião — Mas então o que é o plano?

Espectador — Venha, e depois lho explicarei.

Opinião — Por onde?

Espectador — Metemo-nos no bonde aqui no largo.

QUADRO III

CENA XI

(Vista do plano inclinado de Santa Teresa. Coro de inauguração de gente do povo.)

Espectador e Opinião

Opinião (Abanando-se.) — Ai tanta gente e o Senhor Zé Povinho nem pintado o vejo. Ai! O que é que vem ali? Nunca vi animal semelhante.

Espectador — Vem aqui por causa de sê-lo.

CENA XII

Os mesmos e o **Correio**, montado numa tartaruga

(Correio é cercado e cumprimentado por todos os jornais.)

Opinião (À parte.) — Ele anda tão devagar... (Ao Espectador.) Pois o Senhor Diretor é bem ativo e inteligente.

Espectador — Assim é que é o Correio geral! Mais moroso que aquilo só o Telégrafo.

Correio — Agradeço a pontualidade. Vim um pouco mais tarde, porque tive de fechar a mala para Chapéu d'Uvas. Espero que haveis de ficar contente com a convenção de Berne.

Todos — O quê?

Correio — Quero dizer que haveis de ficar satisfeitos com o plano, e eu, por meu lado, não hei de ficar no primeiro plano.

Espectador — Não falo da carta; refiro-me ao plano.

Correio — Desde que se aperte o freio do novo sistema, já não há perigo que as cartas sejam violadas;

Espectador — Mas a que inviolabilidade se refere?

Correio — À da vida dos que subirem o plano. Já dei ordem para serem carimbados...

Todos — Carimbados?

Correio — Todos os bilhetes. Por estas e outras mereço todo o elogio. Na qualidade de Correio Geral e reconhecendo que uma carta levava dois dias para chegar da cidade a Santa Teresa, acho excelente a idéia do plano inclinado! O próprio indivíduo pode levar a sua carta, e entregá-la em mão própria em meia hora. (Sente-se o apoio e grande algazarra do povo.)

Todos — É agora. É agora. Vai subir.

Um Moleque — Quer balas, freguês, quer balas?

(Aparece o bonde no plano inclinado. Estão Zé Povinho e a Política.)

Zé — Eu cá estou.

Política — E eu também.

Opinião (Que está à boca de cena.) — Lá está o pérfido! Acompanhado duma mulher! Oh! Quero saber quem é!

CENA XIII

Os mesmos e **Boato**

Boato (Ao ouvido da Opinião.) — Consta-me... Não sei... Mas parece-me que é a Política!

Opinião — Mas o que vai ele ali cheirar?

Espectador — Não se admire: a Política cá na terra mete o nariz em toda a parte.

Opinião — Deus queira que não as meta nas algibeiras do velho. Basta que eu o faça.

Espectador — É limpeza geral!

Zé — A Opinião! Minha mulher! Ó Senhora Política, mande subir até onde há cabo. Ao cabo do mundo que seja, senão acabo! Ela dá cabo de mim.

CENA XIV

O Veículo e o Anjo da Humanidade

Veículo (Entrando desafortado com o tílbur na cabeça.) — Maldita invenção do bonde. Até mesmo esta subida já tem condução à noite. Pois bem guerra de morte! Começemos por cortar o cabo! (Vai a dirigir-se para o fundo.)

Anjo (Derrubando-o.) — Para trás! As conquistas do Progresso protege-as Anjo da Humanidade.

Veículo — Ora esta. Não sei o que tenho. Vinho não é, porque só bebi cachaça.

(Aparece na plataforma do bonde o Anjo, que sobe ao som de gerais aclamações, levando a reboque a tartaruga em que vai montado o Correio.)

Opinião — Lá se vai o homem pela corda acima.

Boato — E dizem que a coisa vai descarrilar!

Opinião — Então lá leva o diabo o velho. (Cai desmaiada nos braços d'alguém.)

(Mutações.)

QUADRO IV

CENA XV

(Um botequim, mesas, cadeiras)

Caixeiro, só, à porta

Caixeiro (À parte.) — Estamos hoje em maré de vazante. Não aparece ninguém... Não admira... Os fregueses estão metidos aí em algum teatro a ouvir alguma conferência... E o mais é que estas coisas de conferência têm feito um mal dos diabos ao comércio. Há estabelecimento por aí que está sempre às moscas, outros estão como Nero. Nem mesmo uma mosca... Todos os fregueses fugiram... Foram naturalmente ser oradores de conferências. Que também não sei por que se não há de chamar de conferentes a esses oradores. Conferente!... Só o título quanto vale! (Ouve-se um trovão.) Santa Bárbara!... Lá está um a orar... Ah! É um trovão. Ora, ó Lopes... Felizmente lá vem um freguês, mais do que um... É uma companhia.

CENA XVI

O mesmo, **Diretores da Companhia de Consumo**, depois **Taberneiros**

1º Diretor — O senhor é dono desta casa?

Caixeiro — Por enquanto não, senhor. Sou apenas um dos interessados... Em que ela ganhe dinheiro.

1º Diretor — Pois nós cooperamos o consumo, e vínhamos saber quantas ações quer que reservemos.

Caixeiro — Para quê?

1º Diretor — Para comer mais barato do que em qualquer outra parte... Tudo puro e sem confeição. (Os taberneiros têm estado a espreitar a porta e entram ameaçadores.)

Caixeiro — Mas isto é uma invasão! Estão por acaso suspensas as garantias?... O que é isto, vivemos num império ou numa republicueta?

1º Taberneiro — Nós, os secos e molhados... Fazemos de guerra de morte a essa companhia, que jurou a nossa ruína. Nós somos o monopólio do bacalhau, a composição do vinho, a farinha avariada. Os paios em salmoura podre, o azeite rançoso e todos esses gêneros que fazem tapar o nariz à Junta da Higiene, que emagrecem o povo e nos engordam a nós. Eis o que somos.

Caixeiro — Pois eu, como cá cheiro, não me cheira essa contenda, e ponham-se todo na rua. Rua! Senhores do Consumo, não me consumam a paciência.

Todos — Guerra! Guerra!

(Saem em perseguição uns aos outros pela esquerda.)

CENA XVII

Caixeiro, depois, **Zé, Política**

Caixeiro — Além de se não ter fregueses, ainda em cima me cai em casa uma praga destas! Onde estão as autoridades? Já não temos constituição, senão na Praça do Rossio. O país está perdido. (Entra Zé e Política.) A nação vai por um plano inclinado.

Zé — De lá venho eu agora... e gostei. (Entra.)

Caixeiro — Ó coração despaisado... Pois o senhor gosta da desgraça do país?

Zé — Do país? Quem lhe fala nessas coisas? Eu refiro-me ao plano inclinado de Santa Teresa, e eu mesmos estou inclinado a fazer um plano daqueles lá na terra; mas puxado a burros.

Caixeiro — A burros?! Queira desculpar.

Zé — Não há de quê. (À Política.) Tomas alguma coisa?

Política — Isso não se pergunta, eu tomo sempre.

Zé — Traga-me lá uma cajuada com groselha. (Sentam-se à mesa.) Pois gostei da tal caranguejola, é obra acabada... Agora o que falta é acabar a obra.

Política — Não se há de demorar... Eu interesso-me pelo melhoramento.

Zé — Tu também interessas-te por tudo... És a salvação do Povo...

Política — O Povo é os meus encantos, a minha tetéia... Ou em melhor e moderna tradução, o meu bijou... Olha, lá vem um dos meus amigos.

Zé — Quem? Aquele homem de capote que vem com aquela criançada toda?

Política — Esse mesmo. Dirige-se para aqui.

Caixeiro — Estamos arrançados... Se nos apanha de jeito, é capaz de nos pedir a camisa.

CENA XVIII

Os mesmos e o **Major**

Major — Meus senhores, venho implorar a sua caridade... Qualquer cosa me serve... Um calção... Até uma casaca me faz conta... Mesmo das viradas... Se é que há algumas por aqui...

Zé (Baixo à Política.) — Aquilo parece que é contigo.

Política — Não é, mas faz-me arder...

Major — Querem uma amostra do pano? Pois aí vai o pano d'amostra. Eu tinha uma casaca. Duma das abas fiz um cueiro... Vejam. (Mostra uma criança embrulhada numa aba da casaca.) Com outra, arranja-se uma capa como esta. (Vai mostrando o que diz.) O que este tem na cabeça é uma manga... Cujo canhão disparou... Quero dizer, desapareceu... A outra manga deu meias calças para este que está a espera d'outra casaca para completar a toailete... E o resto... O casco... Desabado... Cobre os ombros deste patusco... Vejam pois que as casacas diabas são casacas santas... Vamos, meus senhores, qualquer cosa serve.

Zé — Eu só lhe dei um cheque para o Banco Mauá.

Major — Depois que levou o xeque-mate, é quanto de mau... Há.

Zé — Pois se lhe não serve...

(O Caixeiro que tem saído, entra com uma grande porção de roupa velha com que se vestem os pequenos caricatamente.)

Caixeiro — Aqui tem o que há. Por hoje acabou-se a roupa velha cá em casa.

Zé — É pena, porque o petisco é do gosto.

Política — E olha que não é mau petisco.

Major — Obrigado.

Caixeiro — Quando o senhor sair condecorado, lembre-se de meu padrinho, que é uma jóia e vende as ditas na Rua Estreita de São Joaquim.

Major — Agora, rapazes, vamos a outra freguesia.

(Dão a volta à roda da cena, ao som da Marcha.)

CENA XIX

Caixeiro, Zé, Política, depois **Boato**

Zé — É original este tipo!

Política — As intenções são boas...

Zé — Já não acontece o mesmo a todos... (Vai sentar-se num banco do que cai a perna.) Veja este banco que peça me armou... Estava quebrado... Não me preveni... Convidou-me a sentar, e depois zás... Uma destas faz perder a confiança nos bancos. (Ouve-se rumor.)

Política — Que rumor é este?

Caixeiro — É na... O que lá vai.

Política — O que é?

Boato — Querem saber o que é, não se assustem. Todos os rapazes da Instrução Pública que, em vez de conhecerem os sujeitos da oração... Ora... São a atacar todos os sujeitos que passam.

Zé — Mas então estão incursos nos artigos da Lei.

Boato — São artigos indefinidos ainda.

Zé — Mas isso não tem nome... Se hão de estudar a gramática e respeitar a regência...

Boato — Fazem-se prosas e fazem o inverso.

Política — Eu vou sossegá-los.

Boato — Talvez que o seu verbo ativo...

Zé — ... Os faça concordar... Mas eu creio que fazes mal em te ires meter com os pequenos... Lembra-te do ditado: Quem se...

Política — Qual, de pequenino é que se torce o pepino.

Boato — E ela quer começar a torcê-los de pequenos. Vá, Dona Política... E veja se tem proposições capazes de fazer a concordância geral e pôr o complemento à questão. Não se ponha com interrogações, e ponha ponto na oração. (Política sai. Boato a Zé.) Enquanto apeamos, quer tomar café, para depois irmos gozar de uma partida de bilhar?

Zé — A dinheiro vai... Jogo o bilhar por uma partida de café.

Boato — Dizem que tem bom preço este ano?

Zé — Isto é lá com os comissários... Vamos a isto.

CENA XX

Os mesmos, **Espectador, Opinião, Tubo e Homem Canhão**

Espectador — Lá está ele... Então o que lhe disse eu... Encontramo-lo ou não.

Zé — A Opinião! Estou asseado.

Boato — Coragem.

Opinião — Ora, até que tenho o gosto de lhe por a vista em cima... Então, como se entende isto, senhor?... Que procedimento é esse? Quando o senhor subiu ao monte...

Espectador — Foi quando ela subiu a serra!

Opinião — Vamos é arranjar malas e partir.

Zé — Partir?

Opinião — Pois, por que espera?

Zé — Por quê?... Ah! Sim... Quero que ande à roda! Comprei um bilhete com duas garantias, par a sorte grande ser mais certa!

Opinião — Com a cabeça à roda anda você desde que se apanhou com essas fúrias de cara caiada e de carro à porta! Ah! Não sei o que me contou... (Raivosa.) Estou sedenta...

Boato (Muito breve.) — Rapaz, já um copo d'água.

Caixeiro — Acabou-se;

Todos — Acabou-se?!

Caixeiro — O Fiscal fechou a torneira pela manhã.

Espectador — Deve haver outras...

Caixeiro — Há, mas são verdes... Ou digo, são para os outros.

Todos — Água, água!

Tubo — Pronto. (Mete um tubo pelo chão abaixo e sai um repuxo.)

Todos — Nada, nada.

Tubo — Isto é simples.

Boato — Dizem que não pega... Porque é bom!

Tubo — Há de sair...

Boato — Olhe, canta-lhe...Quero dizer, toque-lhe a bomba...

Todos (Dando à bomba.) — Ajudemos todos, (Dando todos à bomba.)

Espectador — Se eu tivesse um talismã, captava como o Vale , na Pêra de Satanás.

Boato — Eu também.

Espectador — Vá de valetas.

Cantam

Talismã poderoso, que opera
com o teu alto poder, maravilhas
a nós todos, que a sede devora
um pinga vem dar, seja embora
do Cartaxo, do Porto, ou das Ilhas.
(Jorra água por um lado e vinho do outro.)

Boato — Viva o nosso chafa...

Tubo — ... Ris? Do progresso?...

Boato — Vivam os tubos.

Todos — Vivam.

Opinião — Vamos, Juquinha... Agora estou saciada, vamos para a tua terra. (Ouve-se um grande tiro.) O que é isto? (Passa ao fundo o Homem-canhão.)

Espectador — É o Homem-canhão.

Boato — Homem-canhão... Mulheres tenho visto.

Espectador — Um homem que dispara... E põe logo a andar uma bala de calibre três mil, oitocentos e cinco...

Zé — Que pena não haver um batalhão destes no Paraguai.

Boato — Para quê? Para se acabar a guerra num dia?

Opinião — E para nos livrar dos impostos para ela, que ainda estamos pagando. (Música fora.)

Todos — O que é isto?

Boato — Isto deve ser... Ruim... Parece-me que é alguma manifestação qualquer... por que...

Espectador — Desembuche...

Boato — Lá vai... Conta-se... Dizem que houve uma combinação entre o Diretor do Corpo de Bombeiros... Eu não vi... Mas afirma-se.

CENA XXI

Anjo, Zé e Espectador

Anjo (Aparecendo ao fundo.) — Afirma-se que houve um tempo em que os incêndios alteravam e destruíam com uma voracidade assombrosa a propriedade e os bens.

Zé — Bem me lembro. No tempo em que eram circunscritos.

Espectador — Um incêndio deixa sempre o juízo a arder.

Anjo — E que esse tempo, graças à energia, zelo, boa vontade e coragem dum intrépido e benemérito militar, desapareceu... E que, por esse motivo, as Companhias de Seguro Ihe vão oferecer uma casa para ele habitar... Não é muito que se dê um lar a quem tantos salvou! (Ouvem-se foguetes e música.)

Zé — Viva o heróis dos fogos!

Todos — Viva! (Saem.)

Mutação

QUADRO V

CENA XXII

(Vista da praça, a mesma cena do Quadro II. Vendilhões, pretas, rapazes com gazetas. Ao fundo, um grupo de gente dá atenção ao Preto, que canta alguns trechos de Maria Angú.)

Canção

CENA XXIII

Os mesmos e **Opinião**

Zé (Entra da esquerda.) — Para fugir à Opinião tive que também que fugir da Política!... Parece sina... Estou em maré de perder de vista as mulheres... Ora, a minha Opinião, isto é coisa que ora está para o Norte, ora para o Sul... Mas a Política? Segundo me informaram, essa senhora quando se pespega no cachaço de qualquer, não é com duas razões que o deixa.

Opinião (Entrando pelo lado. À parte.) — Onde estará encafudado aquele maldito Boato? Se o desalmado corre, que ninguém o pode apanhar... (Vendo Zé.) Olá Seu Zé Povinho, apanhei-o.

Zé — Credo, ela!

Opinião — Com esta não contavas tu, confessa!

Zé — Confesso que estou satisfeito.

Opinião — Vamos, passa adiante!

Zé — Onde diabos queres tu que eu vá?

Opinião — Vamos embarcar.

Zé — Ora esta! Ainda não tomei o gostinho... Nem vi os teatros.

Opinião — As varietées, não?! Ora, passa adiante de mim.

Zé (À parte.) — Se fosse a Política que governasse o Zé Povinho, ainda eu iria, mas da Opinião não me importa. Eu hei de me ver livre dela.

Opinião (Que tem subido a falar com alguém e desce agora.) — Vamos (Saem.)

CENA XXIV

A **Companhia de Consumo** do Pão perseguida pelos **Professores Públicos, Boato e Anúncio**

Professor — Dê cá o pão! Dê cá o pão!

1º da Companhia — Largue o pão! Largue o pão!

Boato — O que é isto? O que é isto?

1º da Companhia — Senhores, nós somos a Companhia do Consumo do Pão.

Boato — Ah!!

1º da Companhia — Andamos à cata de acionistas!

Boato — Fazem mal, fiquem descansados em casa, que eles lá irão ter.

1º da Companhia — Precisamos de acionistas como de pão para a boca.

Boato — Isso é o que não apreço. Os senhores tem aí para um exército.

1º da Companhia — Isto é uma amostra do nosso pão.

Professor — Senhor, nós é os pobre professor público.

Boato — Nós é... Sim, senhor. Está se vendo... Está se vendo...

Professor — Nossos vencimento foi reduzido! Nós está com fome. Queremos este pão.

Todos — Queremos este pão!

1º da Companhia — Mas isto é uma violência. (Frases desencontradas de parte a parte e saem altercando para a direita.)

Boato (Só.) — Dizem que Jesus Cristo, com cinco pães, deu de comer a cinco mil pessoas. Se fossem todos da Companhia do Consumo, não era milagre nenhum. Aí vem o Anúncio: fuja de este amolador.

Anúncio (Sombrio.) — Qual é a melhor cerveja nacional? A Cristiana! Dê-se um prêmio a quem provar o contrário. (Passeia e pára de novo.) O melhor favor que se pode fazer a uma senhora é indicar-lhe a casa especial de fazendas pretas. (O mesmo jogo.) O rend l'argent a quem comprar por menos. Aux 100.000 Palitots. (Sai majestosamente.)

CENA XXV

Zé Povinho (Só.)

Zé — Então livre-me dela ou não? A Opinião nunca está com o Zé Povinho, que é o mesmo que dizer que o Zé Povinho não tem opinião. O que é aquilo? Que povaréu é aquele?

CENA XXVI

O mesmo, **Dondon, Operários da Alfândega**

Os Recém-Chegados — É um desaforo! É uma pouca vergonha!

Zé — Vossas Excelências queiram desculpar, mas o que foi que aconteceu?

Dondon — Eu lhe conto, cidadão... Antes que tudo, qual é a sua cor política?

Zé — O azul.

Dondon — Como o azul? Zomba, cidadão? Olhe que lhe desanco com a musa do povo!

Zé — Perdão, o que foi que perguntou?

Dondon — Perguntei-lhe qual era sua cor política.

Zé — Pois então desculpe, julguei que me perguntasse qual era minha cor predileta.

Dondon — Política. A que corpo pertence.

Zé — Eu não tenho cor política.

Dondon — Saiba que aquele senhor, ou por outra, aquele charuto que ali passa ao fundo fez umas tantas exigências vexatórias e incoseqüentes a esta pobre gente! Fizeram greve...

Zé — Uma greve é grave...

Dondon — Vieram ter comigo, o Tribuno do Povo, o Mimoso das Multidões, o Hirsuto, o Encapotado, e pedirem-me que advogasse a sua causa. Fui a quem de direito... E o que julga o senhor que me respondesse quem de direito?

Zé — Mandou-o pentear monos... Ou pentear-se a si mesmo, que bem precisa disso.

Dondon — Nada, cidadão! Disse-me — Por que se meteu nisso:

Os Operários — É um desaforo, é uma pouca vergonha.

Dondon — Hei de me vingar num seu colega a quem não cansarei de repetir com toda a força dos meus cabelos: — Larga a pasta. (Aos outros.) Amigos, segui-me e gritemos todos.

Coro

CENA XXVII

Política e Zé Povinho

Política (Ouvindo ainda o coro.) — Imbecis, ora querem, ora não querem! (Vendo Zé.) Enfim te encontro.

Zé — Onde andaste?

Política — Então julgas que sou alguma vadia? Estás muito enganado! A política não tem descanso. Ainda agora andei atrapalhada, apaziguando uma divergência que se estabeleceu entre um sujeito e um marceneiro...

Zé — Por quê?

Política — Porque queria a viva força apoderar-se duma cadeira que estava em sua casa para cobrir de palhinha... e afinal apoderou-se.

Zé — E quem é esse pândego?

Política — Um sujeito velho...

Zé — Desembuche! Quem é esse sujeito velho?

Política — Não posso dizê-lo para evitar censura. Basta de darmos à taramela. Vamos.

Zé — Aonde?

Política — Vamos aí à toa, não nos faltará o que ver. (Saem.)

CENA XXVIII

Espectador e Boato

Espectador — Nada, não me faça entrar na... Para cá... Olhe que não sou da peça.

Boato — Não faz mal.

Espectador — O empresário pode escamar-se... E com razão, que diabo. Um homem que sai do camarote e entra no palco. E o demônio do contra-regra onde tem a cabeça?...

Boato — Venha cá... venha cá...

Espectador — De mais a mais, ó Seu Boato, olhe que isto é maçada... O espetáculo pode acabar depois da meia noite... E depois não há bonde.

Boato — Lá vai um vapor. (Passa um vapor.)

Espectador — Agora pergunto-lhe eu: se estando sem vapor fazem tantas vítimas, a vapor com vapor quantas farão? É uma regra de três.

Boato — Quais são os três?

Espectador — Ora esta! sempre é muito tolo!... Uma regra de três é... é... Eu lhe explico... É uma regra sem exceção. Você sabe que não há regra sem exceção.

Boato — Quanto ao número de vítimas não se amedronte. Agora há uma salva-vidas.

Espectador — Mas já está posto em prática?

Boato — Posto em pratos? Em pratos limpos.

Espectador — Em prática!

Boato - Por ora, está apenas posto em teoria.

Espectador — Por força. Nesta terra é sempre assim. Se tratasse dum salva-mortes, já a coisa andava na berra. mas diga-me cá: Você trata ou não de procurar a Dona Opinião?

Boato — Havemos de encontrá-la nas festas do carnaval. (vendo cair uma pasta, das bambolinas.) Ai!

Espectador — Ai!

Boato — Caiu uma pasta.

Espectador — Coitada! Onde cairia ela?

Boato — Do poder.

Espectador — Então o poder é lá em cima?

Boato — É sim, senhor: dali é que nasce a corrupção dos povos.

Espectador — É de cima. Sei.

CENA XXIX

Espectador e Política

Política — Ah! Cá está a pobre pasta... Que queda!

Espectador — Mas quem a atirou lá de cima?

Política (Misteriosa.) — Psiu! Vamos assistir ao carnaval?

(Mutação.)

QUADRO VI

Sobe o pano do fundo e v em-se diferentes grupos carnavalescos com as bandeiras das várias sociedades. Tocando a orquestra em surdina um canc .

Todos (Gritando.) — Viva a folia!

Febre Amarela (Da esquerda.) — Bem, a ocasião   propícia para a ceifa. A Febre Amarela vai tirar o ventre da miséria.

Anjo da Humanidade (Do outro lado.) — Ainda não há de ser desta vez, peste maldita. Para tr s!

(Ficam à boca de cena os personagens últimos e termina o ato com a música do Zé Pereira, e grande algazarra e confusão.)

Fim do primeiro ato.

[(Cai o pano.)]

ATO SEGUNDO

QUADRO VII

CENA I

(Na Praia do Russel. O mar invade a maior parte da cena. É noite. A Lua está em todo o esplendor. Sente-se amiudadas vezes durante o quadro a bulha dos foguetes e o estalar dos morteiros.)

Cartomante e Santinha

(Entra cada uma por seu lado e ficam separadas.)

Cartomante (À parte.) — Quem será esta sujeita?

Santinha — Quem temos de novo?

Cartomante (À parte.) — Será concorrente?

Santinha (À parte.) — Teremos novo milagre?

Cartomante — Tenho pena que as minhas cartas não adivinham senão para os tolos, aliás ia já perguntar-lhes porque está esta cara de morte aqui.

Santinha — (À parte.) — Ah! Que se eu não fizesse milagre senão para os parvos, havia de arranjar um ovo que pusesse a andar esta dama!? Será ela da roda cortesã? O melhor é ir ter com ela. (Alto.) Nosso Senhor esteja na sua santa guarda.

Cartomante — Eu não creio em Deus... O meu poder vem do inferno.

Santinha — Credo! Cruzes!... Abre-te núncio!

Cartomante — E tanto assim que vim dizer-lhe quem é, com o auxílio das minhas cartas. (Vai para estender as cartas.)

Santinha — Isso para mim já não pega. (Mostra um grande ovo, onde está escrito: Fome, peste e guerra.)

Cartomante — O quê? O célebre ovo... O prodigioso milagre da galinha santa... Lavre dois tentos, colega... Venha de lá um abraço. (Abraçam-se.)

Santinha — Você é uma felizona. O seu modo de vida é livre, pode ter letreiro à porta: anuncia o negócio e a ciência em todos os jornais, é consultada por todas as classes e hierarquias, ganha bons cobres... Enquanto que a mim foram-se à mão... diziam que faria concorrência à água da gruta, e que, neste tempo de seca, toda água é pouca... E tão pouca, que até já falta nos incêndios. A não ser alguma devota muito tola — já poucos acreditam em mim... Diga-me o que faz por aqui?

Cartomante — Espero um sujeito que me quer consultar... E, para dar mais aparato à coisa, mandei-o vir aqui.

Santinha — Pois eu vim do caminho... Quero ver o fogo de vistas... Sempre nestas multidões se colhem muitas histórias que é bom saber.

Cartomante — Seja feliz.

CENA II

Os mesmos e **Boato**

Boato — Ora seja bem aparecida.

Cartomante — Já o espero há meia hora.

Boato — Se adivinhasse, como diz, podia ter poupado o trabalho da espera.

Cartomante — E o homem?

Boato — Não pode tardar... Quem é esta dama?

Cartomante — É a senhora do ovo.

Boato — Bem sei... é a galinha!

Cartomante — Não é isso... É a dona possuidora do ovo milagroso.

Boato — Ah! Fá sei... Foi um ovo espertalhão que saiu cá para fora com umas palavras escritas na casca... Dona, de maneira que não puderam fazer deles, ovos moles, livrou-se assim até de ser estalado.

Santinha — Nem assim!

Boato — O quê? Pois foi passado pelas engolideiras.

Santinha — Não somos nada neste mundo!

Boato — Lá vem ele... E com a mulher. Pode uma de vossemecês encarregar-se da mulher e outra do sujeito. Ele não é tolo, mas é ignorante político, aprecia a boa vida, é entusiasta, e gosta de andar ao redor da amante, que é pouco mais ou menos como ele... Até a vista.

Santinha — Como se chama ela?

Boato — Opinião.

Cartomante — E ele?

Boato — Zé Povinho.

Santinha — Creio que há de ser difícil separar a opinião do povinho.

Boato — Também eu; mas nesse caso separemos o povinho da opinião. (Sai.)

CENA III

Cartomante, Santinha, Zé Povinho e Opinião

(Cartomante e Santinha conservam-se um tanto quanto afastadas.)

Opinião — Bem te dizia eu que nos fossemos embora. Nunca me queres ouvir e agora aí o tens. Esta mania de consultar a Bruxa há de ser como a de comprar o tal bilhete da loteria.

Zé — Pois sim, mas quem podia adivinhar que havia dois bilhetes com o mesmo número.

Opinião — Como eles arranjam essas coisas é que não sei... Foi como a história dos leilões.

Zé — Não me fales nisso, que é a página negra da minha vida.

Opinião — Tudo por dar ouvidos a intrujões.

Zé — Ora tu sabes que eu andava um tanto quanto necessitado de camisas... era mesmo muito boa pessoa, mas tinha poucas roupas brancas... Passo por uma casa... O leiloeiro gritava: 20 mil réis... 35... e 500 e 600 e... 365, não dão mais? 36, 36, 36, 36. A quem mais lança? Não lançam mais?... Parabéns, Senhor Zé Povinho. Dou o sinal e mandam-me, não uma caixa de dúzia, mas um caixote com uma dúzia de caixas.

Opinião — Foi uma boa camisa de onze varas. E ainda não te emendaste... Caíste noutra.

Zé — E quem não havia de cair. Passo na mesma casa, e o mesmo sujeito gritando: Uma caixa de ceroulas, 20\$000... Levo a caixa... E encontro-me...

Opinião — Com meia dúzia!! É muito bem feito, que é para não ser tolo... Agora vá ter com sua amiga, a Política, essa vergonha que tem o perdido, e peça-lhe que remedeie o mal.

Zé (Que vê a Bruxa.) — Cala-te, que ali está a Bruxa.

Cartomante — Bruxa vá ele... Veja como fala.

Zé — Com a dita ao bruxo... Volto eu... Se disse coisa que a escandalizasse.

Cartomante — O que faço é filho dos altos estudos da ciência... (A Santinha.) Não é verdade?

Santinha — Assim é... Eu, porém, desprezo a ciência e faço tudo com o auxílio do Altíssimo.

Opinião — Sim?

Santinha — É como lhe digo... A senhora quer saber o seu destino... Eu faço divina invocação e tudo se me patenteia.

Opinião — Ora vejam lá... Estava meio tentada...

Santinha — É Deus que a inspira...

Cartomante (Tem se afastado disfarçadamente com o Zé, e o mesmo faz Santinha com a Opinião.) — É como lhe digo... As cartas vão dizer-lhe tudo! (Senta-se e deita as cartas.) Longa viagem... Mulher feia...

Zé (Á parte.) — Não há dúvida... Foi a viagem que fiz com a minha mulher.

Cartomante (Lendo as cartas.) — Lá está... Dama de paus... Feia como é... É perseguida e amada.

Zé — O quê? Que eu o faça por obrigação, vá; mas, que haja quem tenha o mal gosto de fazer as coisas por devoção... É que me custa a roer.

Cartomante — Pois roa a verdade... Lá está ele... Valete de copas. (Continua a cena muda.)

Santinha — Revelam os sagrados espíritos que seu marido trama um divórcio.

Opinião — Ah! Patife!

Santinha — Convém evitá-lo!

Opinião — Como?

Santinha — Despertando nele o ciúme.

Opinião — E depois?

Santinha — Depois há de ser ele quem há de vir com a senhora.

Opinião — E posso-lhe afirmar que há de ser bem convidado. Veja o resto.

Cartomante (A Zé.) — Ela pretende ir com ele para longes caminhos com muitos dinheiros.

Zé — Não é minha mulher... É uma nova edição da mulher de Cláudio...

Cartomante — A espadilha o afirma.

Zé (Olhando para a Opinião.) — Deixa estar, que eu te arranjarei, mas em tal conjectura, o que hei de fazer?

Cartomante — Deixá-la fazer o que ela quiser, e vigiá-la de perto.

Zé — Acho pouco essa coisa de só vigiar.

Cartomante — Enciumá-la a valer... e então verá ela quem voltar ao aprisco.

Zé — Aprisco não, a casa.

Opinião — Há de ser como lhe digo.

Zé e Opinião — Está tudo acabado entre nós.

Zé — A senhora é!...

Opinião — O senhor é!...

CENA IV

Os mesmos, **Política e Boato**

Política — Então, o que é isso?

Opinião — Olhem quem ela é... a senhora é que é a causadora de tudo isto!

Boato (A Opinião.) — Sosseguem!

Opinião — Que sossegue?!

Boato — Aqui estou eu para a amparar.

Opinião — Ora deixe-se disso.

Boato — Lembre-se que, se a sigo há tempo, é porque a amo.

Opinião — Olhe que meu marido pode ouvir.

Boato — Não tema, porque está entretido com a Política.

Opinião — Eu vou lhe arrancar os olhos.

Boato — Vamos antes ver o fogo de vistas.

Opinião — Eu é que tenho a vista em fogo... e estou a arder...

Santinha (A Opinião.) — Faça o que lhe disse, se perde esta ocasião, não apanha outra tão cedo.

Opinião (Ao Boato.) — Tem razão. Vamos, meu querido. (Saem de braços dado.)

Zé (Como uma bicha.) — Seu querido?! E ela vai com ele! Quem é aquele biltre, que não o conheço à noite?

Política — O Boato.

Zé — Eu já o devia conhecer... Mas toma todos os dias uma cara diferente! Mas o que dirá o mundo, vendo a Opinião com o Boato?

Política — Não diz nada, porque o caso não é novo. Vem comigo.

Zé — Mas não me dirá que insistência...

Política — Quero falar contigo a respeito das eleições municipais... e de muitas cosas más.

Zé — Isso é outro caso... Primeiro que tudo o bem da pátria...

Política — Oh! Sim!... Abençoado seja o bem da pátria...

Zé — Que me livra da minha mulher e me dá motivo para um divórcio... Onde vamos?

Política — Ver o fogo. (Saem.)

Cartomante — E nós?

Santinha — Vamos atrás deles para que nos paguem. De graça é que eu não trabalho... Ora que pouca vergonha.

Cartomante — Logo vi que a coisa acabava mal... estando a Política metida no negócio. (Saem.)

CENA V

Espectador, só

Espectador — Safa! Nem aqui me deixam... Sou apoquentado por todos os lados... Eu não pertenço à peça, lá isso é verdade, pois até aqui me perseguem as subscrições. Não vejo surgir ante mim senão vítimas, e a mais vítima de todas é a minha pobre algibeira, que vai ficando visivelmente ética.

Depois de tantas subscrições, deve-se abrir uma entre as vítimas, para os que subscreveram para elas... Lá vem mais... Por esta é que não estou... Onde me hei de esconder. Ah! ali. (Esconde-se.)

CENA VI

Espectador, escondido, **Homem da Pêra**, **Amigos**

Homem da Pêra — Obrigado, adeus.

1º Amigo — Guarde-te bem, para não te acontecer o mesmo que ao inglês. E, assim, que estiveres em Nova lorque, escreve.

Homem da Pêra — Adeus... Até a vista, e que os céus me proteja. (Salta para a praia para se meter num bote e os amigos lhe dizem adeus.)

AMIGO - Manda notícias.

Homem da Pêra — Mandarei as notas de viagem e serão verdadeiras como todas as que tenho usado na minha vida.

Amigo — Adeus... e se encontrares o célebre orador que morreu na África, manda novas dele. (O barco some-se e os amigos retiram-se.)

CENA VII

Espectador e depois **Urbano**

Espectador — Aquele parece-me que vai sem visto no passaporte... Felizmente vê-se livre das subscrições. (Vai passando.)

Urbano — O senhor viu-o?

Espectador — A quem?

Urbano — Ao passador?

Espectador — Eu não vi nada.

Urbano — Mas disseram-me que havia de desembarcar aqui; demorei-me demais... encontrei a mulher das cartas e não pude resistir ao gostinho de a consultar.

Espectador — Fez muito bem.

Urbano — O diabo é que o perdi de vista.

Espectador (Atemorizado.) — Lá vem ele!

Urbano (Apitando.) — Socorro.

Espectador — Apite. Aliás estamos depenados!

Urbano (Tirando sossegadamente o apito da boca) — Mas quem são eles?

Espectador — O povo das subscrições.

Urbano — Misericórdia! Salve-se quem puder. (Vai a sair e a cena invade-se de povo.)

CORO DE VELHOS

Espectador — Retirem-se... Eu não posso mais... Estou roubado. (Saem todos.)

CENA VIII

Espectador, só

Espectador — Graças a Deus que estou só... Que formosa noite!... Que grandioso espetáculo! Parece que a mão caprichosa da natureza se comprouve em acumular as mais pitorescas belezas nesta formosa baía. Que felizes se devem julgar os que vêm naquele barco. (Aparece um barco com alguns personagens.) Como desliza sereno... Mas que vejo... Vai se engolfar na ressaca. (Gritando.) Metam o leme d'encontro. (O barco bate nas pedras.) Desgraçados!... Socorro!

CENA IX

O mesmo e **Anjo da Humanidade**

Espectador — Salvemos aqueles desgraçados.

Anjo da Humanidade — É tarde!

Espectador — Oh! Meu Deus!

Anjo da Humanidade — São duas famílias de intrépidos trabalhadores riscadas do número dos vivos! oremos por elas.

(Mutação)

QUADRO VIII

Sala com alguma mobília e uma cama.

Ouve-se sons marciais de uma banda e vivas fora. Está em cena um Criado (General, no original, riscado e alterado em função da censura da época.) muito cansado e de mala em punho e um saco de dinheiro com este letreiro: 10:000\$000 Réis. Traz na cabeça uma coroa de louro.

CENA X

Criado, Poeta, Orador, e 1  e 2  Repórter

Vozes Fora — Viva o valente, viva o bravo, viva a nação, viva!

Criado (Dirigindo-se para o público.) —   isto! (Vem descendo; novos vivas.) E não há meio de descansar um homem que tanto trabalhou em honra da pátria. tem sofrido mais neste pouco tempo que os cinco anos de batalhas e privações. (Vem descendo, novos vivas.) Ah! Parece que finalmente o deixaram tranqüilo! Deus queira que assim seja! Já me parece maçada. (Põe o saco de dinheiro a um canto.) Decididamente a glória   coisa muito inc moda. Já lhe chimparam nas barbas cinco dúzias de poesias, e outros tantos discursos. Está immortalizado em prosa e em verso. É a única desculpa desses maçantes poetas e arrendadores: supõem-no imortal e, como tal, isento das conseq ncias da mais tremenda das amolaç es! Como se enganaram! Mas agora julgo que está livre deles! Amém! (Pega numa bota do General e caem de dentro poesias.) Até dentro das botas estão flores e poesias! (Atira com a bota.)

1  Repórter (Metendo a cabeça por uma das portas e tomando nota.) — Descalçou uma bota. (O Criado espirra.) Espirrou. (Desaparece.)

Criado — Hein? Então não estou constipado!

Poeta (Entreabrindo a porta.) — D  licenç , General?

Criado — Quem  ?

Poeta (Desdobrando uma enorme tira de papel.) —   tu, soldado imortal!

Criado - Então! L  vem a imortalidade.

Poeta (Continuando.) — que vens coberto de glória
visitar a Guanabara.
onde te espera a vitória!...

Criado — Tenho notado que todos estes poetas rimam glória com vitória.

Poeta — Escuta a voz de um poeta...

Criado — Tenho a prevenir a Vossa Senhoria que eu não sou o General, mas sim Criado do Hotel.

Poeta — Oh! Onde está então Sua Excelência?

Criado — A descansar.

Poeta — Então faça o favor de lhe entregar estes versos: têm a minha assinatura. (D -lhe os versos e sai fazendo grandes medidas.)

Criado (Pega a outra bota e caem versos de dentro.) — É isto! mais poesia nas botas! E eu, para vingar-me, meto as botas nas poesias! São detestáveis. (Tira o casaco e aparece um Orador.)

CENA XI

Os mesmos e o **Orador**

Orador (Entreabrindo a porta.) — Dá licença, general. (Entra e tira um papel do bolso.)

Criado — Outro!

Orador — César, Anibal, Pompeu, Alexandre, Napoleão e outros quejandos heróis das eras antigas, médias e vindouras não tinham nem o teu valor nem as tuas virtudes. Eles eram usurpadores, e tu não! Tu empunhaste o gládio em prol da absoluta liberdade, e alumiaste a consciência nacional com os clarões de teu valor! (O Criado tosse.)

2º Repórter (Saindo debaixo da cama.) — Tossiu!

Orador — Imortal...

Criado (Querendo falar, sem poder.) — Tenha a bondade de deixar ficar o seu discurso. Quero poupar-lhe o trabalho da leitura.

Orador — General, eu não entrei ainda em matéria! O melhor ainda não li.

Criado — Bem vejo que isto promete. Mas o que eu quero prevenir ao senhor é que o general ainda não o ouviu.

Orador — Não! (À parte.) Então é surdo! Esta é que eu não sabia. (Gritando.) - César, Anibal...

Criado — Eu não sou surdo.

Poeta — Então não percebo.

Criado — Pois ainda não percebeu que eu não sou general, nem alferes? Olhe, Sua Excelência está descansando. Se quer, deixe ficar o discurso, que eu lho entrego. (O Orador entrega o discurso e sai com grandes medidas.)

Criado (Só.) — Safa. Este é pior que todos. Tratemos de dormir, antes que venha outro em prosa com versos. (Criado abre a boca e entra a bocejar até adormecer.)

1º Repórter (Dum lado.) — Deita-se!

2º Repórter (Do outro.) — Adormeceu.

Criado (Sonhando.) —... Basta. Basta. De cá, eu guardo!... Então o General anda de carro sem cavalos!... Ele vai carregado à mão!...

O Poeta do Prólogo (Entreabre a pasta.) — Com sua licença. (Desenrola uma tira de papel e lê.)

Se eu fosse um vate de inspirada Musa,
Se a lira de Camões tivera,
assim, neste dia, tuas grandes glórias,
tuas vitórias eu cantar quisera!

Pintor se eu fora de gentil pincel,
mago painel esboçaria...

(**CRIADO** ressona) — Ah! Dorme! pois espera! (Guarda os versos e percorre a cena.) O que é isto? Um saco de dinheiro! Dez contos de réis! Olé! Olá! (Carregando com o saco.) Ora! Tu estás coberto de louro! não precisas de louras... (Sai.)

Criado (Sonhando.) — Assim, General! Às armas! Às armas! Fogo! (Um Admirador, à palavra “fogo”, assusta-se e cai.)

CENA XII

Os mesmos e uma **Comissão**

Admirador — Bravo! General!

Criado (Acordando sobressaltado.) — Quem é? Quem é?

Admirador — A Comissão!

Criado — A Comissão! (Salta da cama.) Eu vou prevenir Sua Excelência.

Admirador — Dá licença! Ela aí vem! (Começa a aparecer uma enorme lança, que atravessa a cena de lado a lado. Só depois de ter a lança desaparecido em meio por um lado, aparecem as personagens que seguram no cano pelo outro lado. Admirador, ensaiando-se.)

Em honra de teus feitos, ó soldado,
vencedor! vencedor! gênio imortal,
esta lança te dão alguns sujeitos
Em prova de muita consideração, ó General.

Outro Admirador — Este último verso está mais comprido do que a lança.

Admirador — O que abunda não prejudica.

Criado — Sua Excelência pede o obséquio de passarem à outra sala, onde os espera a todos. (Todos saem.)

Todos — Viva o nosso herói!

QUADRO IX

CENA XIII

(Vista de rua. Os personagens de costume enchem a rua.)

Garden, só

Garden (Velho americano encostado ao portão fumando.) — Oh! Este é o verdadeiro felicidade deste vida. Estar sempre tranqüila, ganha dinheiro, dá boa dividendo, serve perfeitamente o público fluminense e mora numa chácara por onde ninguém pode passar para que eu arremata privilégio... Casa esta muito minha.

CENA XIV

O mesmo e **Zé Povinho**

Zé — Oh! Monsiú... Vossa Senhoria dá licença que eu passe por cá?

Garden — O que você quer faz? Se quer, vai em novas trilhos... Faz favor, volta seu caminho.

Zé — Nada, não senhor, vou no trilho de minha mulher, que depois de velha deu em gaiteira. Consta-me que ela está lá da outra banda, e, como o caminho mais curto é este...

Garden — Você pode passa, mas dá cá uma níquel de duzentos réis...

Zé — Se essa é a dúvida.. aqui tem; posso passar?

Garden — Passa pode. (Zé sai.)

CENA XV

Garden, Vila Bela, depois **Povo**

Garden — Este homem está muito minha conhecida. É Mister Zé Povinho. Mim tem-se dado perfeitamente com ele.

(Entra a de Vila Belle seguida pelo povo.)

Vila — Deixem-me! Deixem-me! Ó da guarda!

Garden — O que é isso? Não pode passa!

Vila — Senhor Garden. Vossa Senhoria é que vai decidir.

Garden — O quê?

Vila — Eu, como não ignora, estabeleci nos meus carros um sistema de cobrança que consiste em se pagar a viagem a pouco e pouco. Não quero sobrecarregar as algibeiras dos meus passageiros... Quero dizer, dos meus condutores: à maneira que se vai andando, vai-se pagando. Recebe-se a passagem em prestações e a última é quando o carro vai para as estações. Ora, estes senhores, isto é, o Povo não quer. Vim, pois, perguntar-lhe o que o senhor faria no meu lugar.

Garden — Mim não sabe o que faria... Faz sempre o que pública quer... Eu tenho passagens de oitenta mil réis, de cem, de duzentos, de trezentos, uma pataca — de pataco não tem — tem só duma cruzada e mim só faz uma cobrança — e meu pública está muito contenta.

Povo — Apoiado! Muito bem!

Vila — São sistemas americanos que não servem para o Brasil... Eu adotei o sistema austríaco, que é o melhor.

Garden — Oh! Sistema americano está muito boa. Não está só em bondes, mas em tudo desta vida. Olha, ali vem dentista americano; pergunta se seu sistema de extrai dentes no está *very well*.

CENA XVI

Os mesmos, **Dentista**, uma carro encarnado, espelhado e dourado, mal entra, o **Povo** cerca-o

Popular — Viva o Dentista!

Povo — Viva!

Popular — Viva o nosso doutor! O nosso Salvador, que arranca por favor, nossos dentes sem dor!

Vila (À parte.) — O que vale é que a opinião pública distrai-se facilmente!

Dentista — É tal senhores, o alegrão

em que este bom povo está imerso,
que até falar só me faz, não
em chata prosa... Mas em verso...

Vila — Ui! (Vai ao dentista com o boca aberta.) — Como o povinho me fez parar o bonde, numa corrente de ar... Apanhei uma dor de dentes. (O Dentista tira-lhe um dente.) Não é esse, desgraçado!

Dentista — Já cá está!

Vila — Você tirou-me o dente do siso. (Saindo.) Ora o que há de ser duma companhia sem o dente do siso?...

CENA XVII

Os mesmos, **Boato e Opinião**

Opinião — Mas para que tomaste esse disfarce?

Boato (Vestido de urbano.) — É o meu fato predileto... E, de fato, é um fato cômodo... por tal sina, que nunca pára na cômoda.. Quero prender este indivíduo. (Aponta para o Dentista.)

Opinião — Mas o que te fez ele?

Boato — O que me fez? (Neste momento o Dentista tem arrancado dente e queixo a um homem do povo.) Está preso!

Popular — Ai! Ai!

Dentista — Foi sem querer?

Boato — Está preso, já disse...

Dentista — Preso por quê? Por ser infeliz numa operação... Por que não prende você por dia cinqüenta ou sessenta médicos!

Boato — Não sei cá disso... Dizem que você não está examinado.

Dentista — Veja... E pela Imperial Academia. (Apresenta-lhe a licença.)

Boato — Pois sim... Mas à cautela, venha para a chácara de Catumbi. (Sai com o povo.)

CENA XVIII

Opinião, Espectador

Opinião — Então, não se vai e... E não me deixa... Assim se abandona a Opinião a si própria?

Espectador — Ora, até que a encontro! O que tem feito? Onde está seu marido?

Opinião — Eu sei lá!... Ah! Que se o apanho...

Espectador — Se quer, procuremo-lo... Pouco tenho que fazer.

Opinião — Aceito!... Mas para que lado iria ele?

Espectador — Isso agora é que era adivinhá-lo.

Opinião — Que pena não termos a Santinha aqui à mão...

Espectador — Assim é melhor, porque poupa esse dinheiro.

Opinião — Que se me tem ido de vento em popa por água abaixo por causa da proa do senhor meu marido... Um chaveco avariado que faz água por todos os lados... E que ainda se mete na prosápia de correr com todo o pano na alheta de qualquer fragatinha.

Espectador — Bravo!... Chama-se a isso linguagem pitoresca marítima!

CENA XIX

Os mesmos, **Garden**, depois **Cocabana**

Garden — Estar boa tarde, senhores.

Opinião — Vossa Senhoria viu, por acaso, passar por aqui?...

Garden — Oh! Eu vi mas não sabe... (Neste meio tempo tem entrado Cocabana, que, sem Garden ver, vai entrando na chácara.) Oh! Senhor... Que faz vossemecê aqui?

Cocabana — Vou passando... Não vê?

Garden — Vejo, mas não quero! Vossemecê sabe que mim tem o privilégio desta chácara...

Cocabana — Mas eu tenho a minha casa do outro lado, e, como me dá menos trabalho ir por aqui, pouco ou nenhum caso faço do seu suposto privilégio.

Garden — Vossemecê não passa.

Opinião — Não pode passar sem licença.

Espectador — É questão que deve ser pacificamente decidida nos tribunais!

Garden — A ele vou! A Senhora Opinião há de ser minha testemunha...

CENA XX

Os mesmos, **Zé**, depois **Boato**

Zé — Não a encontrei,

Garden — Vem cá, homem serve também de testemunha...

Opinião — Ai, o patife do meu marido...

Zé — A pérfida da minha mulher...

Cocabana — Cá os meus tribunais são estes. (Apita.)

Boato (Vestido de urbano.) — O que temos?

Cocabana — Quero passar, e este senhor não me deixa.

Boato (Desembainhando a espada.) — Quem tem razão?

Espectador — Saiba Vossa Senhoria que ambos se julgam com ela, e só os tribunais...

Zé e Opinião (A uma lado.) — É para onde vamos.

Garden — Oh! Yes.

Boato — Nada de bulha. (Ao Espectador.) Quem lhe pediu explicações?... Está preso... (A Garden.) E o senhor, deixe passar a mulher, quando não!

Garden — Ah! Isto é muito mal feito... Eu vai faz bulha na imprensa...

Boato — Faça a bulha que quiser. Vossemecê, como não tem escrúpulos, vá passando. (A Cocabana vai passando.)

Opinião (Passando à esquerda.) — Eu também vou discutir para a imprensa o procedimento do senhor meu marido...

Zé — E eu, o da senhora minha mulher...

Espectador — Mas por que vão?

Boato (Ao Espectador.) — Deixe-os ir... Vamos para o xadrez.

Espectador — Esta só a mim acontece...

Todos — À Imprensa! (Saem.)

Mutação

QUADRO X

CENA XXI

(Sala, O **Jornal do Comércio** e o **Diário do Rio** entram trazendo nos braços o **Diário Popular** moribundo).

Jornal do Comércio — Tragamo-lo para esta sala! Pobre pequeno! Tão novo!

Diário do Rio — Quatro meses apenas!

Jornal do Comércio — Também é bem feito. (Depõe o Diário Popular sobre uma cadeira.) Já não há crianças. Este pobre Diário Popular quis principiar por onde os outros acabam! E eu, para chegar ao ponto que estou, meu caro colega Diário do Rio, eu, para ser Jornal do Comércio, para gozar das mil imunidades, com a graça de Deus e dos quinze mil assinantes, principiei assim... Depois fui assim... Assim... Assim... Assim... Assim... É melhor do que começar assim... E depois ir assim... Assim... Assim... Assim... E desaparecer!

Diário do Rio — E eu não posso falar assim, porque sou político... todavia reconheço que estes meninos nascem e querem logo ter correspondentes em toda a parte... querem ter sobrado na rua do Ouvidor.

Jornal do Comércio — Nada; eu principiei por onde devia principiar; pelo princípio; por isso é que, como o outro,

Leonardo, soldado bem disposto,
Cavalheiro, enamorado,

também faço o que posso, não vê?! Tenho lá na redação uns gênios, uns astros... Que astros!

Diário do Rio — E eu então! Eu sou aquela sanha! Onde meto a mão, ou mesmo, meto o pé, que sanha! E tenho um redator que é uma pimenta. Lá pimenta é. Ou por outra... Pimenta lá é!

Diário Popular (Despertando.) — Ai! (Jornal do Comércio e Diário do Rio aproximam-se.) Dêem-me... Remédios...

Jornal do Comércio (Vai a uma mesa, traz alguns frascos de remédios. Lendo as etiquetas.) — Assinaturas... (despejando o frasco numa colher.) Nem uma gota!... (Tomando outra frasco e lendo.) Acionistas... (Mesmo jogo.) Nana! (Tomando outro frasco.) Anúncios... (Mesmo jogo.) Qual!

Diário do Rio — Esgotaram-se os últimos recursos.

Jornal do Comércio — Pobre Diário!

Diário do Rio — Pobre xará! Tão bom... Tão espirituoso...

Diário Popular — Agra!... Agra!... Agra!... Agradecido.

Jornal do Comércio — Coitado! Está a morrer e não diz senão agra... Agra... Agra....

Diário Popular — Agra... Agra... Agra... Agradecido!

Diário do Rio — Já aborrece tanto agra!

Diário Popular (Berra como carneiro.) — Ré!... Mé!... Dio!....

Jornal do Comércio — E, de vez em quando, dá-lhe para berrar como carneiro.

CENA XXII

Os mesmos e **Filipe**

Filipe — Bom dia... Bom dia... Então como vai o doente?

Diário do Rio — Pode dizer — o moribundo...

Filipe — Se querem, mando chamar por telegrama o meu mano d'Araraquara para prestar-lhe os últimos socorros...

Jornal do Comércio — Qual, meu Filipe... De outros socorros precisava ele...

Globo (Pondo a cabeça da parte de fora.) — Posso entrar?

Diário do Rio — Quem é?

Filipe — É o Globo,

Jornal do Comércio — Entre, colega. (Globo entra.) Oh! Você diminuiu? Ainda há três dias era alto. (Baixo a Diário do Rio.) É o outro que tal!

Globo - Mudei de formato, para ser mais cômodo aos meus leitores... E por haver muito mais comodidade de preço...

Diário do Rio — E como vais de saúde?

Globo — Assim... Assim... Os passeios de manhã faziam-me mal... Resolvi sair às tardes... E o colega? E este pobre Diário Popular como vai?

Diário do Rio — Eu assim assim... Estou sentindo umas coisas... Não será isso velhice?

Globo — Qual — Você está a lavar e durar. E Este pobre Diário Popular, como é que vai?

Filipe — Isto está por momentos, coitado: está a exalar o último salpico... Quero dizer, o último suspiro!

Jornal do Comércio — Este Filipe é chamado para o calemburgo.

Filipe — É, não se pode dizer que este não tenha sal nem pico.

Diário do Rio (Ao Globo.) — Como vamos de redatores?

Globo — Tenho lá alguém, um que em tino não deixa nada a desejar, dou sempre belos frutos aos leitores.

Filipe — Dás mais que frutos: dás boca e uva.

Jornal do Comércio — Este Filipe é os meus pecados. E então hoje parece que estamos em sexta-feira.

Diário do Rio — Aí volta... Resigna-te, xará, vais encontrar lá no céu o Mosquito, o pobre Mosquito. Ambos vocês gozarão da bem-aventurança eterna.

Diário Popular — Agra... Agra... Agra...

Jornal do Comércio — Aí vem o Agra!

Diário Popular — Agra... Agradecido!

Globo e Filipe — O que é isto?

Diário do Rio — Só do agra... Agra...

(Entram A Reforma e o Jornal da Tarde a disputar.)

Jornal da Tarde — O Ministro fez muito bem!

Reforma — Não fez tal. É um corrupto. É um tolo!

Jornal da Tarde — Tola é ela!

Reforma — Miserável!

Jornal da Tarde — Regateira!

Reforma — Olha que te esmurro!

Jornal da Tarde — Ah! Ele é isso? (Querem atracar-se.)

Jornal do Comércio — Então, o que é isso? Olhem quem está ali moribundo...

Jornal da Tarde — Vim visitá-lo.

Reforma — Eu também...

Jornal do Comércio (A Filipe.) — Quem é aquela sujeita?

Filipe — É a Reforma. Pois não conheces?

Jornal do Comércio — É que enxergo mal. E aquele moço que entrou com ela?

Filipe — É o Jornal da Tarde. Esse não admiras que não conheças, porque é novo... É novo, ele é o que diz... A mim não me embaça... (Em segredo.) É a Nação...

Diário do Rio — A nação?

Filipe — É a nação disfarçada de jornal da tarde... Não vês que é uma mulher vestida de homem?

Diário do Rio — Eu logo vi, pelo palavreado, que não podia deixar de pertencer ao belo sexo. (Indo ao Jornal da Tarde.) Está conhecido.

Jornal da Tarde — Oh! Colega, toque lá estes ossos... Então não se esqueceu de mim?

Diário do Rio — Posso lá esquecer quem combate pelos mesmos princípios...

Jornal da Tarde — Você agora está muito bonito!

Diário do Rio — Depois que morreu meu antigo patrão, enfeitei-me todo, não vê!

Reforma (Sentando-se.) — Ontem não houve sessão na Câmara Temporária?

Diário Popular — Agra... Agra... Agra...

Reforma e Jornal da Tarde — O que diz ele?

Jornal do Comércio — É um estribilho que já nos tem maçado deveras! Não diz outra cousa: é agra para cá, agra para acolá.

Filipe — Isto não é nada agradável.

(Entra a Gazeta de Notícias.)

CENA XXIII

A **Gazeta** e os mesmos

Jornal do Comércio — Oh! Menina Gazeta, como vai?

Gazeta — Adeus, honrado colega... Meus senhores! Ó Reforminha, viva!

Todos — Adeus, Gazeta!

Gazeta — Como vai o pobre Diário?

Diário do Rio — Deixa-o: está descansando... Não lhe bulas, senão dá-nos aí com o agra, que é um nunca acabar.

Reforma — Então, como vais tu por lá, ó Gazeta?

Gazeta — Muito bem... Ultimamente então tenho sido muito procurada por causa dos folhetins de costumes... Do França!

Jornal da Tarde — Ora, quem quer saber os costumes da França?

Gazeta — Não são da França...

Filipe — São do França Júnior.

Jornal da Tarde — Ah!

CENA XXIV

Anglo Brazilian Times e o **Gil Blas** aparecem

Anglo — Muito belos folhetins que mim traduz para a língua inglesa... Esta cose muito apreciada n'Inglaterra. Good morning!

Jornal do Comércio — Ora viva o seu Anglo Brazilian Times

Anglo — Como passe o Popular Diário?

Diário do Rio — Está sossegando... Não lhe toque senão vem aí o Agra...

Anglo — Oh! Yes.

Gil Blas — *Messieurs e madames, bonjour... Ce bon* Diário Popular?

Gazeta — Oh! Espirituoso Gil Blas... Como vais?

Gil Blas — *Pas mal... Pas mal... Mais le confere?*

Gazeta — Está aqui, está com os Anjos.

Gil Blusa — Ah! *Pauvre garçon!*

CENA XXV

República e os mesmos

República (Entrando.) — Eu sou a jovem República. Sabia que estáveis aqui reunidos e vinha pedir-vos que protestásseis contra o abuso da Polícia!

Diário do Rio — O que fez a Polícia?

Jornal do Comércio — Pois há razão de queixa contra Polícia?

República — Sai a passeio e prenderam-me sem motivo. Deveis protestar.

Reforma — Deixe estar, que o negócio fica por minha conta. Que situação!

CENA XXVI

Os mesmos, **Jornais Caricatos e Imprensa**

Jornais Caricatos — Onde está o Diário? Queremos vê-lo! Queremos vê-lo! Onde está?

Todos — Pouca bulha...

Diário Popular — Ai, ai... (Cercam todos o Diário Popular. Passa o Apóstolo a jogar pena com o Ganganelli.)

Imprensa — O que é isto?

Todos — A Imprensa?

Imprensa — Sim, a Imprensa, que recebeu agora a notícia de que estava para morrer aqui um filho que lhe dava tantas esperanças! Pobre Diário Popular! Tão novinho! Que dor a minha: imaginem que acabo de ver morrer um, e venho assistir à morte de outro...

Filipe — Ah! Sim, o mundo é assim...

Jornal do Comércio — Este Filipe é danado!

Diário do Rio — E quem foi o outro?

Imprensa — O Psit! Morreu, coitadinho!

Jornal do Comércio — E a Rola?

Imprensa — Ah! O A Rola, esse não morre nunca. É do tipo eterno! Pois se foi o A Rola que matou o Psit!

Diário Popular — Ai... Ai... Agra... Agra... Agra...(Expira.)

Todos — Morto!

Filipe — Morreu... E mais o Neves.

Imprensa — O que me consola é que estou de esperanças... Em 1º de janeiro darei luz à o Cruzeiro, e então, verão vocês o que é jornal... Bom e de peso. Vamos enterrar o pobre Diário.

Todos — Vamos! (Saem levando o cadáver.)

CENA XXVII

O Anúncio

O Anúncio — Vantagens quase bancárias. O Dudu vende relógios de outro a três mil e quinhentos réis a oitava e recebe no fim de um ano a quatro mil réis. À Rua da Quitanda, casa do galo que canta. (Vai saindo e volta.) Esquecia-me de dizer que a cerveja Cristiana é a melhor cerveja nacional e que a Aída é um batoque. (Sai.)

CENA XXVIII

Zé Povinho, Opinião, Garden, depois Boato

Zé — O senhor... Não está ninguém em casa... Onde se meteriam estes tipos da imprensa?...

Opinião — Estão talvez na tipografia...

Zé — Ora os tipões.

Garden (Entrando.) — Estar só?...

Boato — O que pretendem?

Todos — O senhor aqui?

Boato — Eu estou em toda a parte... Mas o meu lugar predileto é na imprensa... imprimo um cunho especial a certas notícias.

Opinião — Você o que é, é um clichê!...

Boato — Sai-te daqui, meu pastel.

Zé — Chamar pastel à minha mulher... Se repete a chalaça, vai a um granel de bofetões a menos de real...

Boato — Eu justifico-me...

Zé — Não quero ouvir nada... Onde está o dono da casa?

Boato — O que pretendem?

Garden — Eu quer tratar de questão... Com outra companhia...

Zé — E eu, certos negócios de família...

Boato — A Senhora Dona Imprensa não pode encarregar-se dessa questão... vou mandar-lhes chamar o meu colega a cargo de quem estão esses negócios.

Opinião — Então que venha o colega...

CENA XXIX

Os mesmos e **A Pedido**

A Pedido (Com uma bolsa na mão.) — Às suas ordens... A cento e vinte réis cada linha de quarenta letras... E mais dez mil réis para a responsabilidade...

Zé — Quanto me pode custar? (Fala-lhe ao ouvido.)

A Pedido — Isso é carito...

Opinião (O mesmo.) — Por quanto me pode ficar?

A Pedido — É puxadito...

Garden (Ao A Pedido.) — Vem cá, senhor.

Zé — A senhora é que tem culpa de tudo isto com os seus caprichos...

Opinião — E você?

Zé — E se nós fizermos as pazes?

Boato — O quê?

Zé (A Boato.) — Sai-te daqui para fora...

Opinião — Eu não faço as pazes nem que você me vista do novo dos pés à cabeça.

Boato — E eu sei onde há excelentes e baratíssimas popelines.

Zé — Vamos daí.

Opinião — Está dito. (Vão a sair os três.)

A Pedido — Ó senhores? ... Venha cá... Eu faço abatimento.

Zé — Adeus, meu amigo, desta vez não tem freguês... Contente-se me viajar por Macaé e Campos, ou entretenha-se com os teatros. (Saem.)

Garden — Está dito então...

A Pedido — Não tem nada... Vossa Senhoria merece-me toda a confiança... Mande os originais.

Garden — E se tribunais não faz nada?... Se imprensa no dá resultado?... Oh! Vai faz questão séria.

(Sente-se uma salva de vinte e um tiros e, em seguida, grande confusão de jornais. A Imprensa, todos os personagens percorrem a cena alvoroçados, gritando.)
Chegou Sua Majestade.

Imprensa — A mim todos. Chegou o momento de saudar o chefe do Estado. Vamos e provaremos assim, como o Brasil sabe honrar o seu primeiro cidadão, e sejam os nossos vivos ao Imperador a manifestação do nosso amor pela pátria.

Uma Voz — Vivam Suas Majestades.

Todos — Vivam! (Saem.)

CENA XXX

Entram **Política, Boato e a Opinião**

Boato (Ouve-se o Hino Nacional em surdina. Política entra quase desfalecida encostada ao Boato.) — O que tem? Por que treme?

Política — Não sei, nem mesmo posso explicar o que senti ao ouvir aquela salva. (Torna a si e passeia agitada.)

Opinião (Ao Boato, espreitando.) — É muito bem feito! Então entendia que era só fazer gastar dinheiro ao meu marido e nada mais...

Política (Que tem passeado agitada.) — Aquelas notícias pelo telégrafo! Vamos, nada de desânimo! (Grande vozeria.)

Zé (Da esquerda, correndo.) — São eles, chegaram; estão desembarcando; corramos a vê-los e a ver as festas. (Saem correndo à esquerda.)

Política (A só.) — E eu a mudar de traje.

QUADRO XI

Grande festejo a Suas Majestades Imperiais
Arco triunfal da Rua Direita.

[(Fim do 2º Ato)]

ATO TERCEIRO

QUADRO XII

CENA I

Vendedores e Povo, (Coro de Vendedores. Segue coro de Povo.)

Boato — Como está tudo deslumbrante! Só não compra quem não quer. E digam lá que a cidade do Rio de Janeiro não possui a flor da gente para o negócio! Eis-me no meu elemento. Gente! Muita gente é o que eu quero! (A uma dama que passa.) Dizem que seu marido a traiçoa...

Dama — Isso é uma calúnia...

Boato — Talvez... Mas há vizinhos que o afirmam...

Dama — Se fosse verdade... (Retira-se.)

Boato (A um padre.) — Posso dar-lhe os parabéns?

Padre — Por quê?! (À direita.) Passe bem...

Espectador — Por cá! Saiba que ainda não me pude safar daqui!... Olha que já é estopada!

Boato — Ora então cuida que se não sabe tudo!

Espectador — Tudo?... O quê?...

Boato — O namoro com uma figurante da revista... Uma rapariga toda chique que não ganha nada... E só no costume gastou para cima de dois contos de réis!

Espectador — Pois o senhor julga-me capaz duma asneira dessas?

Boato — Pensa que a não vi!... (Faz a cena cômica mudas do namoro.)

Espectador — O senhor está zombando comigo.

Boato — Tanto como este cavalheiro... (Passa um médico.) A... Quem vou dar os parabéns...

Médico — A mim?

Boato — Corre que foi Vossa Excelência o primeiro colocado no Concurso de Retórica e Medicina...

Médico — Não me dá novidade nenhuma... Isso eu já sabia.

Espectador (À parte.) — Talvez antes do concurso.

Boato — Assistiu?

Espectador — Não pude.

Boato — Pois perdeu, porque há muito que se não reúnem seis talentos tão belos... Safe-se... Lá vem ela.

Espectador — Ela quem?

Boato — A Amarela, a amiga do Filipe e do Barão do Lavra-deus! Estamos no fim do ano e não quer deixar de nos vir fazer uma visita. (A Febre Amarela passeia por entre os grupos. Entra um engraxate.)

Engraxate — Engraxate... Senhores.

Espectador — Lustra-me esse verniz!

Febre Amarela — Para que está dando o que fazer ao pequeno... Vem comigo...

Espectador — Suspenda!

Febre Amarela — Não posso... Está rijo demais para o deixar por cá. (Leva o pequeno.)

Espectador — Que desgraça!

Boato — É um flagelo livrando-nos do outro.

Espectador — Mas por que não lavam e asseiam estas crianças e as não empregam num trabalho útil?

Boato — Os senhores deles não querem.

Espectador — Os senhores... Pois ainda temos escravatura branca no Brasil?...

Boato — No Brasil, não... Quem as vende são os pais... Lá na Europa.

Espectador — Não é possível!

Boato — Pois se quer certificar-se da coisa, leia as Cartas romanas, do Guimarães Júnior, publicadas em folhetins da Gazeta de Notícias, e verá se isso é ou não verdade.

Espectador — E o que faz o governo?

Boato — Ver se segura no balanço, conforme pode...

Um Homem Gordo (À boca.) — Vossa Senhora, como bom católico, quer concorrer?

Boato — Para quê?

Homem — Para a compra dum capacete.

Boato — Para quem?

Homem — Para o senhor bispo... Pode lembrar-se de ir pregar outra vez a Santa Rita como no ano passado, e é bom achar-se prevenido para todas as eventualidades...

Espectador — Mas ouvi falar numa mitra.

Homem — Por fora!

Boato — Pois Deus o favoreça, irmão... Nós somos mitrados demais para cair nessas.

Homem — Paciência... Iremos a outra freguesia... (Sai.)

Espectador — Que maçada!... Hein!... Deixaram-nos sem camisa as tais subscrições!

Boato — Lá vem dois indivíduos por quem esperava.

Espectador — Bem sei... Zé Povinho e a Opinião... O senhor tem-se portado mal com ela... Procurando estabelecer a desordem no lar.

Boato — A culpa é da minha particular amiga, a Política.

Espectador — Pois faz a sua amiga muito mal.

CENA II

Os mesmos, **Opinião e Zé Povinho**

Opinião — Vês, meu tonto... Como isto aqui é bonito... É mesmo um paraíso.

Zé — Para ti... para as minhas algibeiras vai ser provavelmente um inferno.

Boato — Vou ter com eles.

Espectador — Antes diga-me uma coisa que ando há muito para saber. (Descem e conversam baixo.)

Opinião — Olhe que lindas popelines.

Vendedor — E mais baratas do que em qualquer outra parte. (Os outros vendedores tossem todos.)

Zé — Que diabo de catarral é este?

Vendedor — Inveja... Vejam como essa é bonita... Veja contra abanda de luz para apreciar o fio...

Zé — Bom fio...

Vendedor — Desafio a quem vender mais barato e melhor! (Vendedores tossem.)

Zé — Mas o que tem esta gente?

Opinião — Deixa-os lá!... Quanto custa o metro?

Boato — É o que lhe digo... A coisa fez uma bulha... deu que falar, mas afinal de contas...

Zé — Palavra que nunca vi vender tão barato. (Vendedores tossem.)

Vendedor - Se os colegas soubessem como eu administro as fazendas da minha casa, já não tossiam...

Boato — A polícia mandou recolher todos de que podem lançar mão, e fez bem... Uma coisa não tem nada com a outra.

Opinião — Bem... Não quero mais nada... Para vender barato, não há como...

Boato — Sociedade com Manel... Era como todos acabavam.

Espectador — Nunca doam as mãos da polícia...

Vendedor — O meu sócio vai à Alfândega despachar mais fazenda, se quiserem esperar. (Sai o Sócio; no meio da cena escorrega. Boato e Espectador amparam-no.)

Espectador — Escorregou?

Boato — Ia caindo.

Sócio — Esta empresa Gari, que deixa as ruas cheias de casca de bananas... Ora que bonita queda... escorregar numa banana... Safa! (Ao Boato.) Meu querido amigo Boato, já não é o primeiro favor que lhe devo.. (Sai.)

Boato (À Opinião.) — Então já enfeizou?

Opinião — Falta-me uma corrente para o relógio... Uma corrente para o leque... uma corrente para o vestido... Uma corrente para o chapéu... E a minha peça toda é que ainda se não tenham inventado correntes para os maridos.

Zé — Era invenção que adotavam logo todas as mulheres velhas...

Opinião — Pois adotava eu, sem ser tão velha como o senhor me quer fazer.

Boato — Então a senhora queria trazer seu marido preso como os papagaios?

Opinião — E por que não?

Boato — Podia lhe acontecer o mesmo que a um papagaio que eu conheci...

CENA III

Os mesmos e a **Política**

Política — Viva a bela reunião! Salve ilustres amigos meus... Parece que me esperavam... Tenho aqui, segundo me consta, um bico d'obra a aviar...(Vendo a casa onde comprou Zé Povinho.) Ah! É ali.

Boato (À parte.) — Deu-lhe o faro e vai pelo caminho mais perto.

Política — Nem sempre vou à França por Tavira. (Encaminha-se para a loja onde aparece o Anjo da Humanidade.)

Anjo — O que pretende?

Política — Quero saber do dono da casa...

Anjo — Nada tem que saber...

Política — Mas eu cumpro o meu dever...

Anjo — E eu o meu...

Política — Sabe quem eu sou?

Anjo — Sei... E é por isso que lhe digo: respeitem-se os princípios...

Povo — Apoiado! (Anjo retira-se.)

Política — Não encartei a vasa... Ficaré para outra vez.

Boato (À Política.) — Deixe a coisa por minha conta! (Alto.) Então já sabem que temos crise?

Todos — Crise?

Zé — Bem sabemos... É a crise econômica.

Boato — Engana-se, é crise ministerial...

Zé — Nesse caso, vou-me safando, porque me podem prender para ministro. (Entra um grupo de velhos.)

Espectador — Aqueles é que são os ministros?

Boato — Nada... São os discípulos da escola noturna, vão ouvir as preleções do Doutor Costa.

Zé — Eu vou também.

Boato — No que sempre aprenderá pelo menos a lavar a casa.

Zé — E depois, se a lavar, quero ir ao teatro

Opinião — E eu também.

Boato — Pois iremos ao teatro.

QUADRO XIII

CENA IV

Qualquer cenário. Ao levantar o pano, a cena está escura. Entram **Zé Povinho**, **Opinião** e **Política**

Política — Olha que estás hoje mais amolado do que... Os artigos sobre a Macaé e Campos.

Zé — Por que diabo está isto a escurecer?

Política — Hoje há eclipse da Lua, meu tolo. Olha, falavas dos teatros. Eles aí vem. (Aparecem os teatros. Espectador num camarote.)

Espectador — Não! Lá é que não me pilham! Não saio mais daqui. O Vale fica escamado.

Coro dos teatros

CENA V

Os mesmos, os **Teatros** e um **Toureiro**

Opinião — Sim, sim; isto é muito cômodo. Em vez de ir a gente aos teatros, os teatros é que vêm à gente.

Zé (Ao São Pedro.) — Quem é você?

São Pedro — Eu sou São Pedro, o mais antigo depois que morreu o meu colega São Januário. Neste ano tenho andado numa faina como não imagina o senhor, mas não tenho feito nada. Os três castelos de Espanha foram castelos no ar. As inundações de Portugal não me inundaram de notas. A lâmpada maravilhosa não me alumiu como devia. A filha do fogo pegou fogo. A mulher do saltimbanco foi uma mulher perdida. Se não fossem A cabana do Pai Tomás e a Jerusalém libertada... O que seria do velho São Pedro?

Espectador — A cabana do Pai Tomás devia ser proibida pela polícia.

São Pedro — Por quê?

Espectador (No camarote.) — Fui ver aquilo e levei comigo os meus escravos. Sublevaram-se todos! Já não bastava a Lei de 28 de Setembro!

São Pedro — Tive lá uma companhia de Lisboa: a que representaram com mais arte foi As intrigas no bairro. O mais... meus amigos, não serviu senão para fazer com que o público lastimasse o caso de um talento de primeira água.

Zé (Ao Pedro II.) — E o senhor? Quem vem a ser?

Pedro II — Eu sou o teatro Pedro II, o teatro dos extremos, ou o circo dos saltimbancos, ou a sala da grande ópera. Este ano apareceu por lá uma novidade: as ocarinas sopraram muito, mas não assopraram o público. Depois vieram Fuci, Roles e Mendoros, artistas de primo Cartello. Grandes espetáculos a quarenta mil réis por camarote! Lindas óperas, Fausto, Trovador, Aída... Vocês não vieram a Aída?

Espectador — Eu de óperas só conheço A volta de Cogumelo.

Pedro II — Oh! A Aída! A Aída! Que delírio! Que entusiasmo! O Rio de Janeiro era todo Aída! Que furor! A índole deste povo é essencialmente lírica!

São Pedro — Sim, ganhaste muito dinheiro: porém mais hei eu de ganhar com isto. (Tira do bolso um manuscrito.)

Pedro II — O que é isto?

São Pedro — A viagem ao redor do mundo em oitenta dias. (Mete outra vez no bolso.)

Cassino (Arregalando os olhos.) — Oh! (Empalma o manuscrito. Tossindo e disfarçando, sobe ao pé de Zé Povinho.) Hum... Hum... (Dirigindo-se ao Zé Povinho, com volubilidade.) Eu sou o Cassino. Andava dantes maltrapilho e malcheiroso... Cheirava a angu. As famílias tinham fugido de mim. Os pais não queriam que os filhos me visitassem. A polícia tinha-me os olhos em cima. Andava por lá, apesar de tudo isso, o primeiro cômico nacional... Quando, de repente, um homem limpo enfeitou-me, lavou-me, ensaboou-me, almiscarou-me: as famílias voltaram, os filhos obtiveram de novo licença dos pais para visitar-me, a polícia descansou sobre o meu comportamento... Vejam: ando de casaca, gravata branca, chapéu de pasta... Hein? Que lhes pareço?

Espectador — Quem o ouve falar, não o leva preso.

Zé (Ao Ginásio.) — E você quem é, ó pequeno?

Ginásio — Deixe-me, homem: eu sou um desgraçado.

Zé — Sim?

Ginásio — Tenho caveira de burro! Não sei o que é! Toda a gente foge de mim. Ninguém me quer!

Neste campo solitário
Onde a desgraça me tem,
Falo — ninguém me responde
Olho — não vejo ninguém.

Andou por lá também alguém e foi de ventas à torneira. Pois se caíram nessa asneira! Quiseram ver se faziam alguma coisa com o Frade Negro...

Opinião — Irra! frade e negro de mais a mais!

Política — O que é que têm os frades?

Espectador — Lá está a Política a defender os frades!

Ginásio — Nem A porta do Inferno me abriu a do Paraíso! Nem A Irmã do cego... cego estava quem a representou... Nem o Botão d'âncora. Nem nada! Agora vivo entregue aos curiosos... Preferia estar entregue à curiosidade... Mas qual! Quem me aparece por lá de vez em quando é a distinta atriz fulana de tal, a fazer benefício, com o concurso do distinto amador...

Todos — Coitado! Pobre Ginásio!

Opinião — E o São Luís onde está? (Ao São Luís.) Agora conte também sua história.

(Ao mesmo tempo.)

São Luís — Apesar de santo como o São Pedro e de novo como o Cassino, sou caipora como o Ginásio

Ginásio — Apesar de ter santos, sem ser santo, e de não ser tão novo como o vizinho...

Política — Por quem são, fale cada um por sua vez; não os ouço...

São Luís — Que quer?... É esta música aqui do lado que nem me deixa ouvir a mim mesmo.

Política — Pois mande parar a música.

São Luís — Não posso. Apesar de lhe ter metido uma parede de permeio, ficamos sempre de parede-meia.

Política — Pois Senhor Ginásio... Conserve-se agora calado como tem estado depois que se abotoou com o botão.

Ginásio — Que eu julguei ser a minha âncora de salvação.

São Luís — E que ferrou com você à porta, inferi.

Ginásio — Desenganado, recorri finalmente ao patriotismo..

Política — O quê? Pois meteram-me à bulha nos teatros?

Zé — Ora, senhor! Só vejo lágrimas.

Opinião (Ao Alcazar.) — E lá?... Quem é?

Alcazar — Eu sou Santa Isabel.

Pedro II — Olha, morde aqui! Queres passar por Santa Isabel, mas comigo é que não arranhas nada. Tu és, mas é o Alcazar... Podes disfarçar-te como quiseres... Hás de ser sempre o Alcazar!

Alcazar — Para que me andas a descobrir? Se aquela gente sabe quem sou, não aparece por lá...

Zé — O que é que nos dá de novo, seu Alcazar — Santa Isabel?

Alcazar — Um drama nacional: A Lei de 28 de Setembro... Não vem?

Zé — Não gosto de semelhante lei... O que há mais?

Alcazar — O casamento da filha de Maria Angu

Todos — Aí...

Santa Isabel — Ah! Não querem nada disto? Vou procurar um paio que me empreste dinheiro para montar uma mágica.

Zé — Veja antes se encontra um mágico que lhe empreste dinheiro para comprar paios e monte uma venda.

Santa Isabel — O senhor insulta-me!

Zé — Ora vá para o inferno. (À Fênix Dramática.) E a senhora, tão catita, tão levada?

Fênix — Eu sou a Fênix Dramática... Tenho tido bons sucessos, graças a Nossa Senhora do Parto, de quem sou vizinha... Dou um prêmio a quem provar o contrário, assim como que a cerveja Glória não é a melhor cerveja nacional. O meu empresário sabe onde tem o nariz.

Espectador — Pudera! Um nariz daquele tamanho!

Fênix — Sim, senhor! O que está aí a falar! O meu empresário enxerga um palmo adiante do nariz!

Espectador — E há de convir que enxerga muito! Um palmo!

Zé (Ao Varietés.) — E o menino?

Varietés — *Je suis les Varietés*

Zé — Ai! mau! Não pode dizer isso em português?

Varietés — *Non, mon cher. Je suis tout français..*

Zé — Então boa noite. No entende franciú . Não me apanhas nenhum l'argent. (Ao Circo.) E você, seu gaiato?

Circo — Eu sou o Teatro-circo.

Zé — Ora até que finalmente achei coisa que me sirva! (Abraça o teatro-circo.)

Espectador — É! O Zé Povinho não quer saber senão dos cavalinhos!

Zé — O que me dás para ver? Eu quero coisa boa!

Teatro-Circo — Vais ver. (Mutaçã. Aparece ao fundo um pano branco.)

QUADRO XIV

Sombrinhas

(Os teatros arranjam-se dos dois lados da cena.)

Zé Povinho (Admirado.)

Teatro-Circo — Vais ver o Blondin! (Passa pelo fundo o Blondin.) A Speltrini! (Passa a Speltrini.) Tony, o imbecil e Bob, o maluco. (Passam.) A romaria ao Vaticano!

(Passa pelo fundo um trem de ferro e, logo depois, sujeitos a correr atrás dele. Passa depois um padre.)

Zé — Dois sujeitos a pancadas?...

Espectador — Aquilo é um duelo de pau ... E chapéu.

CENA VI

Os mesmos e a **Arte**

Arte (Ao fundo.) — Zé Povinho!

Zé — Pronto! Quem é Sua Senhoria?

Arte — Eu sou a Arte. (Os teatros fogem em debandada, e passam com sombrinha.)

Espectador — O Cassino afasta-se: ao que parece despreza a Arte?

Cassino — Já não tenho arte... Trabalho com artes para agradar.

Espectador — E pensas no grande gênero?

Cassino — No grande e espetaculoso... Nisso de ganhar dinheiro sou como Hamlet... To be or not to be

Espectador — Fale-me em português, se quer que o entenda.

Arte — Zé Povinho, vou-te mostrar um trabalho digno do teu apreço! Olha e admira! (Rompe-se o pano de fundo e aparece o quadro da Batalha de Avaí. Hino Nacional em surdina. Execução da mutação.)

Política (À esquerda, depois do grupo dos teatros.) — Ora! Tem defeitos.

Arte — Poderá não os achar a Política. (Mutaçãõ.)

QUADRO XV

a Imprensa Nacional

Arte — Aqui tens, Zé Povinho, outra obra de arte digna de ti! É um edifício que honra o país. (A Arte sai.)

Zé — Mas este é mais pequeno que a verdadeira arte. Outro não caberia na porta...

CENA VII

Política, Zé Povinho e Opinião

Política — Ficaste embasbacado, meu tolo! Sempre és muito lorpa! Pois, anda daí, vem ver como ressurgem os mortos!

Opinião — Ressurgem os mortos! Credo!

Política — Acompanhas-me?

Zé — Como não? Se minha mulher já tivesse morrido é que me não pilhavas lá!

Política — Vamos! (Saem.)

CENA VIII

Uma **Russa**, seguida por algumas pessoas do povo

Russa (Lendo.) — *Mais la femme és la más perfeta creatin of the God!*

Todos — Basta! Basta! Ó Senhor! Que maçada!

Espectador — O que é isto?

Russa — *La femme...*

Todos — Basta! Basta! (A Russa continua a falar ao povo, que protesta e foge. Espectador salta ao palco.)

Espectador — Nada! Eu quero saber o que é isto! Não está bem explicado! (Agarra um homem do povo que vai saindo por último.) Diga-me: o que é isto?

Homem — É uma literata lá da Sibéria!..

Espectador — Pois olhe: é bem quente!

Homem — Fez-nos, no Teatro São Pedro, uma leitura impossível sobre a mulher...

Espectador - E sobre o homem? Não disse nada?

Homem — Saímos desesperados do teatro, e ela entrou a perseguir-nos. Quero ver no que dá isto. (Sai a correr.)

Espectador — Que diabo de mulher! O que vem a ser isto!

CENA IX

Espectador, um Sujeito e Telefone

Sujeito (Com o fio e a trombeta do Telefone.) — Arrede-se, sim, arrede-se! Ando a fazer experiências do Telefone.

Espectador — O Telefone!

Sujeito (Falando pelo telefone.) — Congratulo-me por este melhoramento...

O Telefone — Bem, muito obrigado!

Sujeito — Bem; vou para mais longe. (Sai a correr: pouco depois passa o indivíduo que leva a outra extremidade.)

CENA X

Espectador e Conservador (Com um regador na mão, esbarra no Espectador.)

Espectador — Olá! Não vê por onde anda?

Conservador — Desculpe, que me caíram as cangalhas.

Espectador — Pode-se saber onde vai com tanta pressa?

Conservador — Onde vou?! Pois o senhor não sabe que sou o conservador?

Espectador — Então não tem podido ser liberal...

Conservador — Tenho poupado o que me tem sido possível... Mas o senhor não entendeu... E sou o conservador do passeio...

Espectador — É bom vadio.

Conservador — Não me entendeu ainda... Do passeio...

Espectador — Público... E notório é isso.

Conservador — Vou regar, varrer, podar, limpar, pintar... Tenho pintado o sete, mas obrigam-me agora a pintar a grade...

Espectador — Para agradar, pinte; e para pintar, agrade.

Conservador — Não há remédio! Ergueram a vassoura a altura de um princípio! — Adeus, adeus, que já está nomeado o homem do fogo para dar parecer sobre aquilo. (Ouvem-se grandes sopros. O Espectador e o Conservador caem no chão.) O que é isto? (Entra Tufão, e canta a ária do Eólo na Filha do Ar.)

Espectador — É um Tufão. (Levantam-se.) Não se machucou?

Conservador — Nada, eu sou um alho...

Espectador (Assobia.) — Alho.

Conservador — Quer vir até cá?

Espectador — Vamos; não tenho que nada que fazer... Não sou da peça... (Saem. Mutaçao.)

QUADRO XVI

Cemitério

Política, Zé Povinho e Opinião

Política — Eis-nos chegados!

Os Dois — Chegados somos!

Opinião (Assustada.) — Ai!

Política — Conduzi-vos aqui para vos mostrar o meu poder sobre os mortos!

Zé — Até sobre os mortos! A Política é dos trezentos!

Política — Vou ressurgir a briososa Guarda Nacional! Vede e pasmai! (Faz acenos. Com grande susto de Zé e Opinião, entram a sair dos túmulos primeiro — oficiais superiores, depois soldados rasos da Guarda Nacional. Marcha fúnebre que descai em marcha bélica. Grande desfilada.)

Zé — Mas eu já vi esta revista de tropas noutra Revista. (Saem todos ao som da marcha.)

CENA XI

(Entra um indivíduo embuçado dos pés à cabeça; depois outro; segredam-se). Entram a pouco e pouco outros indivíduos. Segredinhos, etc. A orquestra toca a introdução do Coro dos Conspiradores da Madame Angot; os embuçados preparam-se a cantar, mas dizem apenas psiu e saem, ficando apenas um cena, que é Boato.

Boato — E finda-se o ano sem que se saiba qual é o novo ministério. (Sai.)

CENA XII

Febre Amarela e Canal do Mangue

Febre — É o diabo com botas! Que contas hei de dar de mim? Tu é que tiveste a culpa! Maldito Canal do Mangue!

Canal — Eu! Estou aterrado!

Febre — Meti-me de amores contigo; gastei todo o meu tempo em pândegas, e esqueci-me de matar alguém. É o diabo!

Canal — Mas...

Febre — Vem daí, vem daí, meu sedutor! Agora só para o ano! (Saem.)

QUADRO XVII

CENA XIII

Sala

Opinião e Zé Povinho entram com malas

Zé — Basta de vadiação! Vamos! Vamos!

Opinião — Não percamos nem mais um instante! Um ano de pândega! (Vão a sair.)

CENA XIV

Os mesmos e **Anjo da Humanidade** (Com algumas coroas na mão.)

Anjo — Um instante! Antes de partir, venham comigo depositar coroas nos altares dos heróis que engrandeceram a pátria com o talento e as virtudes, e que nos foram arrebatados pela morte neste maldito ano que finda. Ao Panteon dos Brasileiros, que bem mereceram da pátria. (Saem. Mutaçãõ.)

QUADRO XVIII

Panteon

Pompeu, Pinheiro, Guimarães, Alencar, Gomes de Souza, Zacarias

Anjo — Agora, que acabamos de cumprir um santo dever de gratidão saudemos a aurora do ano novo, para que só traga ao Brasil alegrias, progresso e glória.

Apoteose.

(Fim da peça.)

FIM